

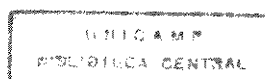
MAURÍCIO TEODORO DE SOUZA

DESENVOLVIMENTO HUMANO, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA  
ESCOLAR

o papel do componente lúdico da cultura

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

1994



MAURÍCIO TEODORO DE SOUZA

DESENVOLVIMENTO HUMANO, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA  
ESCOLAR  
o papel do componente lúdico da cultura

DISSERTAÇÃO APRESENTADA, COMO  
EXIGÊNCIA FINAL PARA OBTENÇÃO DO  
TÍTULO DE MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
NA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS  
DO LAZER À COMISSÃO JULGADORA DA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS,  
SOB ORIENTAÇÃO DO PROF. DR. NELSON  
CARVALHO MARCELLINO †

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

1994

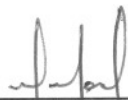
MAURÍCIO TEODORO DE SOUZA

DESENVOLVIMENTO HUMANO, LAZER E  
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR  
o papel do componente lúdico da cultura

Este exemplar corresponde à  
redação final da Dissertação  
defendida por MAURÍCIO TEODORO DE SOUZA e aprovada pela  
Comissão Julgadora em 11 de  
julho de 1994

  
Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino

COMISSÃO JULGADORA:



---

PROF.DR. NELSON CARVALHO MARCELLINO



---

PROF. DR. JOÃO BATISTA FREIRE DA SILVA



---

PROFa. DRa. ÁUREA MARIA GUIMARÃES

## AGRADECIMENTOS

A DEUS, POR SER A FONTE DE ENERGIA, FORTALECENDO A ALMA NA BUSCA DOS IDEAIS.

AO MARCELLINO, POR POSSIBILITAR A SUPERAÇÃO DOS LIMITES E INDICAR O NORTE.

AOS MEUS IRMÃOS, PELO OLHAR QUE ACOMPANHA MINHA CAMINHADA.

AOS AMIGOS, QUE ESTÃO PRESENTES EM MUITOS MOMENTOS DO TRABALHO DISCUTINDO SOBRE OS CAMINHOS A PERCORRER.

AS CRIANÇAS, FONTE DE INSPIRAÇÃO DE TODOS OS PASSOS DA CAMINHADA.

ESTE TRABALHO CONTOU COM O APOIO DA FUNDAÇÃO DE APOIO A PESQUISA DE SÃO PAULO.

DEDIDO ESTE TRABALHO A FIRMINA  
TEODORO DE SOUZA, MULHER QUE  
PLANTOU SONHOS E ABRIU HORIZONTES  
PARA SEUS FILHOS.

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar a relação entre o desenvolvimento humano e o conteúdo da aula de Educação Física Escolar; procura também, refletir sobre o papel do componente lúdico da cultura na relação desenvolvimento humano e Educação Física Escolar. A possibilidade de desenvolvimento humano no conteúdo das aulas de Educação Física, foi analisada segundo os critérios de Facilitação, Clarificação, Catalização e Promoção, baseado em Carvalho. A análise do componente lúdico da cultura deu-se a partir da proposta da Pedagogia da animação, realizada por Marcellino, verificando o espaço da aula de Educação Física, como uma possibilidade de manifestação do lúdico ou de suas características. Trata-se de estudo comparativo combinado com pesquisa bibliográfica, tendo sido utilizadas as técnicas de observação e entrevista centrada. Os dados foram coletados em escolas da rede pública municipal de São Paulo, em aulas do ciclo básico. Os resultados dos depoimentos e das observações apontam uma incoerência entre o discurso e a prática realizada pelos professores. O discurso se coloca numa proposta "progressista" de educação, porém o observado dá conta de uma postura "tradicional" de educação, seguindo-se a taxionomia da autora Sônia Aparecida Ignacio Silva, onde os alunos são expostos a vários estímulos que vão de encontro à reprodução dos movimentos, sem questionarem esses próprios movimentos e a realidade de sua sociedade. A partir destes pressupostos, é realizada a indicação de uma proposta pedagógica, baseada nos conteúdos da área de Lazer, onde procura-se estimular o componente lúdico da cultura através da forma e conteúdo das aulas de Educação Física Escolar.

## ABSTRACT

This study had as aim analyzing the relation between human Development and the contents of School Physical Education Class. It also tried to think about the culture play component part in the recreation: Human Development and School Physical Education. The possibility of Human Development in the contents of Physical Education Classes was analysed according to facility, clarification, catalysis and promotion criteria based on Carvalho. The analysis of the culture play component was achieved from Animation Pedagogy proposal done by Marcellino, verifying the Physical Education Class space as a possibility of play manifestation and its characteristics. It is a question of a comparative study combined with bibliographical research. Observation technique and focused interview have been used. The data were collected in public school in São Paulo country, in elementary school classes. The evidence and observation results point out to an incoherence between speech and the practice performance by teachers. The speech puts itself in a "progressist" proposal of education, however, what is observed in a "traditional" posture of education, following the taxonomy of author Sônia Aparecida Ignácio Silva, where students are exposed to several stimulus that face the movements reproduction without questioning these movements and the reality of their society. From these presuppositions, is made the indication of a pedagogical proposal, based on leisure area contents are tries to stimulate the culture play component through the form and content of School Physical Education Classes.



## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

- Lançando um primeiro olhar sobre o problema..... 01

### 1. METODOLOGIA

- Buscando instrumentos para "fotografar" a realidade..... 15

### 2. DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

- Algumas reflexões sobre o "retrato fotográfico"..... 22

#### 2.1. A REALIDADE DAS ESCOLAS: a visão dos professores..... 23

#### 2.2. A EDUCAÇÃO FÍSICA: observação da aula cotidiana..... 32

##### 2.2.1. Facilitação..... 36

##### 2.2.2. Clarificação..... 51

##### 2.2.3. Catalização..... 60

##### 2.2.4. Promoção..... 65

##### 2.2.5. Cotejando o discurso e a ação..... 70

### 3. Um Caminho a ser percorrido..... 74

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 93

### ANEXOS..... 100

## INTRODUÇÃO

- Lançando um primeiro olhar sobre o problema

Dialogar sobre um problema próprio da área Educação Física, procurando tornar-me ainda mais sensível a ele, será minha atitude predominante neste trabalho. Pretendo que esta seja uma postura de enfrentamento e busca de diretrizes, para que esta pesquisa possa contribuir de alguma maneira com a área Educação Física, vista até os dias de hoje, como um componente curricular, no contexto educacional geral, tentando definir seus componentes, a partir da questão do desenvolvimento pessoal e social do educando. Para isso, parto de um campo de conhecimentos elaborados a partir da fundamentação teórica e aplicação desses conhecimentos, ou seja, da discussão sobre o que a Educação Física vêm construindo através da produção de trabalhos científicos e aplicando nas quadras e espaços existentes na escola. Desse modo, preocupado com as questões do movimento humano, pretendo colaborar para um esclarecimento dos possíveis caminhos, que poderão ser trilhados, na busca de um melhor desenvolvimento humano.

Desde o momento que passei a preocupar-me com o desenvolvimento humano, como objeto da educação, procurei observar as várias áreas de conhecimento que estão envolvidas, contribuindo para o pleno desenvolvimento das potencialidades das pessoas e na sua relação com a sociedade. Certamente não pretendo aqui esgotar o assunto, mas sim, procurar entender melhor que, a área do movimento humano "Educação Física", tem possibilidades de ser um agente educador, integrado ao contexto educacional, colaborando nesse sentido.

Para auxiliar-me nessa abordagem, procurei aliar, às discussões, que se travam no âmbito maior da Educação Física, com uma outra área, também preocupada com o desenvolvimento do homem, numa dimensão educacional e

intimamente relacionada à Educação Física, quer em termos de conteúdos culturais, de tradição no mercado de trabalho, ou mesmo a partir das discussões epistemológicas; o Lazer (Marcellino, 1989). Aqui identifiquei a preocupação com o ser humano, em termos dos valores ligados ao descanso, divertimento e desenvolvimento. Visualizei com isso, uma possibilidade de reunir conhecimentos, e a partir disso, entender as ligações existentes entre o desenvolvimento humano, o lazer e a Educação Física Escolar (Carvalho, 1978?).

Até o presente momento, estou entendendo como elo de ligação mais adequado, um dos componentes possíveis do lazer historicamente situado, que permeia as três partes deste trabalho, O LÚDICO. Aqui, ele será visto conforme a proposta de Marcellino (1989),

"...não "em si mesmo", ou de forma isolada nessa ou naquela atividade (brinquedo, festa, jogo, brincadeira, etc.), mas como um componente da cultura historicamente situado".

Entendo que, o processo de escolarização tem como um de seus objetivos, formar cidadãos com condições de se manifestar socialmente em vários campos, construindo desse modo sua própria cultura. Para o entendimento do significado de cultura Macedo citado por Marcellino (1989), apresenta a seguinte definição "*...conjunto de modos de fazer, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve*".

Dessa maneira , pretendo discutir a área da Educação Física como um componente curricular, onde o objeto de trabalho está sendo entendido como MOVIMENTO HUMANO, inserida no contexto educacional, e portanto, também, responsável pelo desenvolvimento das crianças que ali estudam. Além disso, identifico na área do Lazer a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento das pessoas, contribuir para a participação cultural, tendo como base a possibilidade de manifestação do componente lúdico nas atividades. Assim, pretendo privilegiar o momento de encontro entre os alunos e o professor de Educação Física, como possibilidade para a manifestação do componente lúdico, ou ao menos de algumas de suas características, através do movimento existente nas atividades propostas. Juntamente com o entendimento dos conteúdos e da relação professor-aluno, procurarei relacioná-lo com as disciplinas desenvolvidas no contexto educacional, para dessa maneira buscar uma via mais participativa para o desenvolvimento humano.

Pretendo com esses apontamentos iniciais, dar conhecimento ao leitor da importância da interação das características genéticas (caracteres biológicos herdados de nossos pais, através de reprodução sexuada), com o meio ambiente (fatores externos ao ser humano que são responsáveis pelo desenvolvimento das características adquiridas). Desse modo é que tentarei explicar alguns pontos de vista que serão adotados no decorrer do trabalho.

Pensei, a partir disso, que esse fenômeno é bastante importante e que dele depende todo o nosso período de existência que conhecemos. Sabendo das limitações de um trabalho de pesquisa desta natureza, justifica-se delimitar um período para melhor estudar essas relações e suas implicações para o desenvolvimento das pessoas na comunidade. Tentando localizar qual o

período da vida a ser considerado mais importante, cheguei também a conclusão que todos os períodos, nos seus respectivos momentos, são devidamente importantes. Assumi então o período da infância como a época onde as pessoas vivem muitas experiências e, são incorporadas para o resto da vida. Percebi, nesse período de vida, uma característica em especial, concordando desse modo com Friedmann (1983), que é a possibilidade de vivências fundamentais para o pleno desenvolvimento das pessoas. Isso significa que garantir um período de infância que possa ter muitos estímulos para o pleno desenvolvimento, é justamente trabalhar para que o adulto possa ser mais participativo em termos sócio culturais, podendo trabalhar com mais facilidade e apesar das situações estruturais limitantes para a implantação de sua própria cultura e relacionamento com a sua comunidade.

O estabelecimento do período da infância se deu, considerando aspectos biológicos e culturais, por ser um período onde ocorrem muitas modificações na vida da criança, podendo ser observado através das relações dela com o meio ambiente.

A grande importância do período infantil, pode ser destacada também, pois é nesta fase que se iniciam as relações interpessoais e inter-ambientais; portanto quanto mais rico for o ambiente, melhores possibilidades de desenvolvimento pessoal poderão ocorrer. E também, dependendo da época de amadurecimento melhor ou pior poderá ser o entendimento da criança em relação ao estímulo. Pois para diferentes épocas da vida, o nível de amadurecimento dos sistemas corporais também possui diferentes ritmos.

Quero lembrar com isso que, o Sistema Nervoso Central aos 6 (seis) anos de idade, já possui aproximadamente 90% do total adulto, e o sistema

reprodutor ainda se encontra em níveis muito baixos de atuação, para essa mesma idade. Segundo Tanner (1979), isso proporciona para as crianças possibilidades de desenvolvimento intelectual maior, comparado ao desenvolvimento da maturação sexual.

Considerando os estímulos, parece-me pertinente referir-me também a questão das manifestações externas, ou seja, os estímulos ambientais são de fundamental importância para a formação dos sistemas internos, e também para a aprendizagem. Quero com isso ressaltar que uma criança em contato com pessoas no mundo, buscando enriquecer seu acervo motor, bem como, o intelectual, estará se beneficiando do meio em que se relaciona para melhor estruturar seus sistemas internos. Dentro disso, podemos lembrar todos os estímulos que buscam desenvolver os órgãos do sentido (visão, audição, olfato, gosto e tato); assim, nessa fase, quanto mais a criação for estimulada para o conhecimento e re-conhecimento das coisas do meio ambiente, e quanto melhor a qualidade do estímulo, mais poderá se perceber como ser no mundo, desse modo incorporando as experiências vividas.

Dessa forma é importante ressaltar, como nos lembra Edmir Perroti, (1982), que

"... o ser criança não pode ser entendido apenas como um feixe de características naturais em desenvolvimento no tempo. Antes, tem de ser visto como um corpo complexo, sujeito a condições históricas e, por isso, variável. (...) Temos, portanto, a

criança como um ser onde se encontram duas esferas em constante relação dinâmica: a esfera natural (etária) e a esfera da História".

Aqui, quero ressaltar também, a importância do componente lúdico da cultura, na qualidade de um tipo de estímulo ambiental, como um tempo/espço em que, ela criança, poderá experimentar as coisas do mundo sem o compromisso de responder acertadamente, ou responsabilizar-se perante a sociedade de modo rigoroso. Pois através dele as relações com o mundo passarão a ser vivenciadas no mundo do "faz de conta", imaginando uma realidade onde pode haver erro, sem que haja punição, e a partir disso reestruturação das mensagens, construindo desse modo uma via emancipatória de participação da pessoa na sociedade.

A criança que tem relação mais intensa com o aspecto lúdico da cultura, ou que consegue ter na sua infância características lúdicas no seu trabalho, ou mesmo na sua vida diária, parece ter melhores condições para o desenvolvimento de sua criticidade e criatividade. Marcellino (1990), sustenta essa colocação da seguinte maneira:

" Deve-se levar em conta ainda, que se o conteúdo das atividades de lazer pode ser altamente "educativo", também a forma como são desenvolvidas abre possibilidades "pedagógicas" muito grandes, uma vez que o componente lúdico, com seu "faz-de-conta", que



permeia o lazer, pode se constituir numa espécie de denúncia da realidade, à medida que contribui para mostrar, em forma de sentimento, a contradição entre obrigação e prazer".

Entendo que desse modo, não estou propondo que as pessoas vivam só do lúdico, ou que tudo que a criança ou as pessoas vivam deva ser o componente lúdico, mas que em determinada época da vida o contato prioritário com esse componente poderá estar significando um melhor entendimento da realidade, bem como, uma possibilidade de relacionamento da pessoa com o mundo de forma mais criativa .

Repito isto em vários momentos, pois sabendo da complexidade desse fenômeno, sei que não podemos dar conta de solucionar os problemas de aprendizagem ou relações sociais, mas, através das experiências infantis, trabalhar no sentido de construir, nesse período, condições para que as crianças vivenciem experiências que, no futuro, poderão significar pré requisitos para tomada de decisões, que poderão significar melhor estruturação e melhor visualização das relações interpessoais.

Pensei então: qual local seria mais adequado, para o contato desse ser biológico com a cultura? Digo isso pensando no espaço que poderá transmitir para esse ser biológico, o significado da interação das questões internas com as do meio ambiente, tornando-o desse modo um ser bio-cultural. Segundo Perroti (1982),

" ...a criança longe de ser apenas um organismo em movimento, como de

resto qualquer categoria etária, é também alguém profundamente enraizada em um tempo e um espaço, alguém que interage com estas categorias, que influencia o meio onde vive e é influenciado por ele".

O espaço escolhido, dessa perspectiva, foi a sala de aula, parecendo-me o mais apropriado, quando não considerado isoladamente, mas como parte da sociedade como um todo. Nelson Carvalho Marcellino (1988), propõe a sala de aula como um espaço para o jogo do saber, justificando que

"...o que se procura é a valorização da sala de aula como ponto de encontro. E nesse encontro facilitar as oportunidades para que o lúdico, negado na nossa sociedade até mesmo para a criança e o adolescente, possa se manifestar para alunos e também para professores..."

A partir do momento que esse saber passe a ter uma característica mais lúdica a criança poderá estar se estruturando melhor.

Vejo nessa sala de aula, um espaço também para o momento da aula de Educação Física, que mesmo sendo considerada como um componente curricular, poderia interagir com as outras disciplinas na busca de melhores possibilidades de assimilação dos conteúdos, priorizando o processo educativo. Assim, oferecendo oportunidades para que a educação pelo movimento

(instrumento para a educação, uma vez que ela está inserida no contexto escolar), visualize o homem em sua totalidade, como pessoa participante de uma sociedade.

Infelizmente, o que tem sido observado no contexto educacional, referente às aulas de Educação Física, dentre outras coisas, é o não reconhecimento da sua importância na relação ensino-aprendizagem. Não se identificam relações entre os conteúdos desenvolvidos pelos professores, e os conteúdos vivenciados pelos alunos em suas respectivas aulas. Dessa maneira, a aula de Educação Física fica vazia na questão do conteúdo, sendo valorizada muito mais pelas possibilidades de "recreação", ou ainda, pela responsabilidade de gastar as energias das crianças, tornando-as mais calmas, para que o professor de sala possa ter alunos melhor comportados.

A má formação profissional da área de Educação Física também é alvo de críticas. O fato de privilegiar os momentos "práticos" em detrimento dos momentos "teóricos", leva esse profissional a não se dedicar a atualização e/ou reciclagem de seus conhecimentos. Desse modo torna-se um profissional desatualizado e desconhecedor das possibilidades de desenvolvimento do seu trabalho, bem como, das outras atividades realizadas nas diversas áreas do conhecimento humano.

Perroti (1982), enfatiza muito bem essa relação teoria e prática no que diz respeito às crianças, quando diz

" A discussão de problemas referentes à produção cultural para crianças dificilmente se detém no esclarecimento dos conceitos utilizados. Aquilo que em

outras áreas é motivo para o mais intenso debate, na área que nos preocupa é como se não existisse, desarticulando, em consequência, muitos trabalhos de estudiosos sérios, coisa lastimável, sobretudo em país como o Brasil, onde qualquer esforço no sentido da reflexão sistemática é sempre desestimulado pela total falta de apoio principalmente financeiro. Acharo-nos, do ponto de vista teórico, na pré-história e o pouco que se fez nesse sentido ainda é visto como desperdício, julgamento evidentemente leviano, pois vê a teoria como o oposto da prática, coisa que ela não é, com certeza.

Há, evidentemente, como lembra Paulo Freire, uma teoria que se apresenta como esfera separada da prática. todavia, isso não é teoria, mas "verbalismo", falação desnecessária. Por outro lado, segundo Paulo Freire ainda, há um ativismo inconsequente que também não se confunde com a prática; esta só existe verdadeiramente

quando informada por uma teoria e vice-versa".

Porém, o profissional de Educação Física, tenta de modo vago, fazer um discurso na dada linha "progressista", dizendo-se integrante de conteúdos, estimulador de senso crítico junto aos alunos, entre outras coisas. Só que quando se verifica a realidade escolar, encontra-se um modelo tradicional, baseado fundamentalmente nos comandos técnicos das modalidades esportivas, ou seja, a postura do profissional é, de modo geral, conservadora e reprodutivista dos sistemas sociais existentes na nossa sociedade. Dessa maneira, corroborando com Ramos (1992), observa-se uma área que não vivencia a realidade escolar, tornando-se cada dia mais obsoleta.

Assim cada vez mais, passa a haver pessoas na sociedade, se manifestando favoravelmente na direção da separação dos conteúdos das aulas de Educação Física com o processo de escolarização, ou seja, mesmo num passado recente, vimos a Educação Física ser retirada e novamente implantada na grade curricular, diversas vezes, sem que houvesse discussões à respeito da validade de sua permanência no contexto escolar.

Também os alunos, como nos relata Ramos (1992), não estão reconhecendo esse vínculo entre os conteúdos das aulas de Educação Física e as demais disciplinas. Eles não percebem coerência entre essas áreas e não conseguem identificar uma planificação didático-metodológica por parte dos professores que atuam na escola.

Identifico, desse modo, que infelizmente, o que tem sido dito é que existem problemas na formação dos professores, dizendo-se progressistas e desenvolvendo um bom trabalho na área de Educação Física escolar, fazendo

inter-relação dos conteúdos, com as demais disciplinas da grade curricular. Porém, os alunos não estão identificando isso como realidade, e profissionais da própria área, como também, de outras áreas, não reconhecem valor acadêmico nesse profissional. Essa verificação encontra respaldo no trabalho de Ramos (1992), indicando também que, a sociedade acompanha o quadro descrito acima, e a todos esses pontos, somam-se os problemas de estrutura física e material, que na escola pública, estão cada dia mais graves.

A mesma autora ainda dá conta de documentar que os professores consideram os alunos desinteressados, preguiçosos, descuidados. Só que quando observado o ponto de vista dos alunos, estes utilizam-se dos mesmos adjetivos para os professores. Dessa maneira, não se estabelece quem desencadeia esse processo, identifica-se sim, a falência do mesmo, dificultando as propostas que buscam dar à área de Educação Física o "status" de área de conhecimento, responsabilizando-se também, juntamente com as outras áreas, para um desenvolvimento humano.

Moreira (1992) se posiciona mostrando que o modelo esportivo, base das aulas de Educação Física Escolar nos dias de hoje, não educa. Esse modelo só poderia ser considerado como educativo, se entendessemos Educação Física, como agente disciplinador, cumpridor de um processo onde as pessoas não questionassem a sociedade, passando simplesmente a obedecer ordens. Mauro Betti (1991), também refere-se ao conteúdo esportivo como forma de levar a pessoa a interiorizar valores e passar a questionar sua própria realidade. Moreira (1992) identifica ainda que, como consequência dessa má formação existente, o professor de Educação Física não tem apresentado

comprometimento com a questão da escolarização, especificamente falando do nível de primeiro grau.

Tomando todos os aspectos até aqui apresentados como ponto de partida para uma discussão sobre essa área - Educação Física - num contexto específico que é o escolar, foram estabelecidos dois objetivos para essa pesquisa:

1. Analisar a relação entre o desenvolvimento humano, um dos valores do lazer, e o conteúdo da aula de Educação Física Escolar;
2. Analisar o papel do componente lúdico da cultura na relação desenvolvimento humano e Educação Física Escolar.

## 1. METODOLOGIA

- Buscando instrumentos para "fotografar" a realidade



Nesse item serão apresentados: tipo de pesquisa, método e técnicas utilizadas para o desenvolvimento do trabalho, segundo Severino (1992).

### **1.1. Tipo de pesquisa**

Foi realizada uma combinação de pesquisa bibliográfica e exploratória, supondo observação do pesquisador na instituição de ensino.

### **1.2. Método**

Enquanto procedimentos amplos de raciocínio, também caracterizados como modos de observação, que "constituem os meios de abordagem do real", fixando "o quadro instrumental de apreensão dos dados", foi utilizado "método comparativo", conforme Lakatos (1987), para confrontar semelhanças e diferenças entre os conteúdos das aulas de Educação Física em duas instituições públicas de ensino municipal da cidade de São Paulo.

### **1.3. Técnicas**

São aqui entendidas enquanto "procedimentos mais restritos e mais concretos que operacionalizam os métodos, servindo-se de instrumentos" Severino (1992).

1.3.1. Pesquisa bibliográfica foi desenvolvida através de:

- levantamento inicial das obras relativas aos termos-chave do trabalho: desenvolvimento humano; educação física escolar; lúdico e educação; lazer e educação; lazer e desenvolvimento humano, através do sistema SIBRADID.

- seleção de obras através de análise textual.

- aprofundamento das obras selecionadas através de análise temática, análise interpretativa e problematização.

- definição das "categorias" iniciais a serem utilizadas na pesquisa exploratória.

1.3.2. Na pesquisa empírica, exploratória, o principal instrumento de coleta de dados foi a observação direta, sistemática. Também realizei entrevistas centradas com os professores, solicitando que esclarecessem suas visões à respeito do aluno, escola, educação física e sociedade.

- a definição das amostras foi efetuada de forma não probabilística, intencional, tendo como base a observação das características de duas escolas de 1º. grau da rede pública do município de São Paulo, especificamente junto

ao Ciclo Básico, sob os critérios especificados pelo pesquisador no quadro de referência teórica, que se segue.

#### 1.4. Estrutura da referência teórica

##### 1.4.1. Educação Física

O estudo foi baseado na análise dos conteúdos das aulas de Educação Física Escolar, com base na proposta de Carvalho (1978?), entendendo que a Educação Física deve basicamente atender aos alunos, e que o professor proponha um caminho que se constitua num projeto inteligível para a construção da personalidade do aluno. Na medida que a Educação Física determina a constante renovação dos estímulos e das experiências, a relação do educador com a criança surgirá, como uma dimensão fundamental do desenvolvimento individual. O professor de Educação Física é um dos "técnicos" de mais forte vocação para a animação, tendo um dos papéis de maior relevância em certas camadas etárias e populacionais.

O esporte é uma das atividades de mais forte motivação, capaz de polarizar a atenção e o interesse de extensas camadas populacionais. Porém, ***quero me referir ao esporte da escola e não ao esporte na escola, onde a Educação Física fica subordinada aos códigos esportivos, caracterizando-se como um prolongamento das instituições esportivas (olimpíadas, campeonatos municipais, estaduais e nacionais)***, onde o princípio de rendimento atlético, a competição, os recordes são sinônimos de bom aproveitamento escolar. Falo da utilização do esporte como meio para atingir a

sensibilidade, o auto-aperfeiçoamento e as possibilidades de desenvolvimento humano.

Segundo Carvalho (1978?), "... parece-nos que a ação do professor de Educação Física como animador sócio cultural, junto de coletividades populares ou integrado numa ação comunitária mais vasta, é o ponto de partida fundamental de toda uma rede complexa de iniciativas de promoção cultural, única forma de transformar, de forma essencial, todo o conteúdo da prática desportiva habitual. De fato, estamos convencidos que o desporto pode constituir um campo de ação muito fecundo na linha do desenvolvimento da cultura de um povo. (...) A ação do professor de Educação Física deve, portanto, ter como perspectiva essencial uma ação ao nível do grupo, utilizando técnicas de animação que procurem melhorar a comunicação entre os seus elementos".

A posição da animação na Educação Física, tem como objetivo essencial mobilizar as consciências, dando um sentido e uma justificação à

existência dos indivíduos. Trata-se, portanto, e é fundamental que tal seja visto com clareza, de um processo que, como a educação visa acima de tudo as mudanças de comportamento.

O autor, na mesma obra, posiciona o papel do professor de Educação Física, também como animador sócio-cultural, trabalhando através das noções de facilitação, clarificação, catalização e promoção. Esses quatro critérios foram utilizados para a observação das aulas ministradas na rede pública municipal de São Paulo, e passarei a apresentá-los para o conhecimento do leitor.

**1 - FACILITAÇÃO** - o professor centrará a sua atenção especialmente sobre a rede de comunicações elaboradas pelo grupo, procurando abrir sempre novos e mais profundos canais de comunicação;

**2 - CLARIFICAÇÃO** - o professor desenvolve seu trabalho procurando esclarecer o grupo e cada um de seus elementos sobre o significado do comportamento individual e coletivo;

**3 - CATALIZAÇÃO** - o professor procura suscitar um movimento de constante procura do grupo no sentido deste poder elaborar, por si próprio, as formas concretas de ação para que está motivado;

**4 - PROMOÇÃO** - como resultado de toda a ação definida anteriormente, o professor poderá elaborar uma autêntica via participativa de todos os elementos do grupo, única forma, parece-me de construir uma autêntica via emancipadora.

É evidente que, seguindo esta concepção, o trabalho do professor de Educação Física se diferencia, fundamentalmente, daquela que tem sido a sua tarefa no campo desportivo. Acredito que através desta perspectiva poder-se-á enfim, resolver a ambigüidade do treinador/professor e do atleta/aluno, e diria mais, da vivência plena ou, pelo menos, de algumas das características do componente lúdico da cultura, na escola.

## 2. DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

- Algumas reflexões sobre o "retrato fotográfico"

## 2.1. A REALIDADE DAS ESCOLAS: a visão dos professores

Através das entrevistas centradas busquei então conhecer qual tem sido a proposta do professor de Educação Física, da rede pública municipal de São Paulo.

O centro das entrevistas realizadas teve por objetivo conhecer qual a visão do professor à respeito do que é: aluno; professor; escola e mundo/contexto social, conforme a posição de Silva (1986). Desse modo, pretendi verificar quais os princípios que regem o desenvolvimento do trabalho, ou seja, se o professor nos momentos de aula, preocupa-se com os aspectos que envolvem o contexto escolar. E principalmente, busquei, confrontar esses depoimentos com a observação das aulas que o professor ministrou.

Foi realizado primeiramente um contato telefônico com as escolas, para saber da possibilidade de participarem da pesquisa. Após o primeiro contato, fui entrevistado pela coordenadora pedagógica para explicar o tipo de trabalho, apresentar o projeto de pesquisa e obter a autorização para frequentar as aulas. Finalmente, fui apresentado aos professores e expliquei qual era a proposta do trabalho e, como ele seria desenvolvido. Houve uma receptividade muito boa da parte dos professores, que se mostraram interessados em colaborar e dar as informações necessárias.

Parece-me importante colocar que, o que será descrito a partir desse momento, refere-se ao que foi observado e anotado das aulas. Portanto, procurei respeitar o profissional envolvido, e me restringir a analisar o trabalho propriamente dito. Digo isso porque, é fundamental perceber que, esse profissional é fruto de um processo de formação acadêmica, que



principalmente nos dias de hoje, está passando por uma grande crise de identidade. Medina (1992), nos diz que:

"A Educação Física precisa entrar em crise urgentemente. Precisa questionar criticamente seus valores. Precisa ser capaz de justificar-se a si mesma. Precisa procurar a sua identidade. É preciso que seus profissionais distingam o educativo do alienante, o fundamental do supérfluo de suas tarefas. É preciso, sobretudo, discordar mais, dentro, é claro, das regras construtivas do diálogo...".

Portanto, não bastará simplesmente criticar, mas sim, posicionar-me, perante a esses profissionais no sentido de apontar para qual direção acredito que devemos caminhar.

Na visão dos professores, com os quais tive contato, **a escola é um lugar de informação**. Uma das funções da escola é informar. Com esses depoimentos pude constatar que existe por parte desses profissionais uma preocupação com o aspecto quantitativo da informação.

Essa preocupação acentuada com a quantidade pode estar aumentando na medida em que o professor tem ocupado o papel de transmissor de informações. Quando ele se caracteriza como um agente apenas de reprodução de conhecimentos, fica patente a necessidade de se transmitir maior quantidade de informações, pois desse modo, acredita conseguir manter o receptor interessado no nosso conteúdo. Infelizmente

ocorre, que em certos casos, não se contentando com o aumento da quantidade, esse profissional dificulta o nível de exigência do gesto solicitado. A argumentação nesse caso refere-se a um aumento da qualidade, porém, quero salientar que nesse caso o que pode estar ocorrendo é uma acentuada estratégia de tornar o seu conteúdo mais importante, na medida que ele se torna menos acessível. Aqui talvez caiba fazer uma pergunta. Qual será a diferença entre um professor que pauta sua aula sobre esses pressupostos e um meio de comunicação como a televisão que tem como um dos grandes objetivos a informação, sua quantidade e velocidade de penetração junto ao público? Posso ainda realizar uma outra comparação; qual será a diferença desse profissional comparado a um balcão de informações, que tem por objetivo orientar as pessoas no caminho a ser seguido? Será que o nosso profissional sente-se no mesmo nível de um balcão de informações uma vez que ele também diz que pretende bem encaminhar seus alunos?

Numa proposta de trabalho como esta talvez não reste muito espaço para o campo do lazer e o desenvolvimento do seu aspecto lúdico. O professor pode estar nessa função exercendo o mesmo papel que um "operário da informação" exerceria, isto porque, as informações são passadas muitas vezes, sem a preocupação da assimilação dos conteúdos. Para dar conta da quantidade talvez fosse necessário o uso de um computador, capaz de armazenar quantidades enormes de informações, e, por outro lado, uma super-criança, capaz de reter toda essa quantidade e muito provavelmente caracterizar-se como um "operário infantil", onde a criança é tão sobrecarregada que chega ao stress, não só físico como também intelectual.

Desse modo, como bem afirma Marcellino (1990),

"A restrição de tempo e espaço para a criança, acaba reduzindo a cultura infantil, praticamente, ao consumo de bens culturais, produzidos não por ela, mas para ela, segundo critérios adultos, contribuindo para a transformação do brinquedo em "mercadoria" e para o comprometimento da evasão do real, que possibilita a imaginação de novas realidades".

Desse modo penso, qual o tempo restante no espaço escolar que possa contribuir para a formação da cultura da criança? Com a preocupação de informar cada vez mais, a escola rouba o tempo dedicado a criação ou a "re-criação" por parte das crianças.

Perguntados sobre as funções da Educação Física Escolar, os entrevistados responderam-me, que seria a de **modificar a forma das crianças verem a realidade**, ou seja, **trabalhar numa perspectiva transformadora tanto individual, quanto coletiva**, onde a criança possa se utilizar dos conteúdos para situar-se melhor tanto na questão pessoal, como também, no papel que representa perante a comunidade em que vive. Visto esta resposta entendemos que o professor de Educação Física seria um profissional consciente das questões sociais atuais e das estratégias para discutir estes temas, muitas vezes polêmicos, com as crianças do 1º grau. Entretanto o que se tem observado à respeito desse profissional, de modo geral, não está situado dentro desta perspectiva. Ramos (1992) afirma que, muitas vezes o professor é relacionado a um indivíduo alienado tanto

do contexto específico, como do sócio-cultural. Esse assunto será discutido mais a frente. Por enquanto, faço o levantamento da questão e procuro situar o leitor da possibilidade dessa proposta não estar se concretizando no dia-a-dia da escola.

Esta suposição é feita baseada inicialmente na incoerência que se estabeleceu com as respostas à pergunta seguinte. Questionados sobre a visão de sociedade, que orienta o seu mercado, os profissionais responderam-me que é de modo geral, uma sociedade que se baseia na luta, na competição entre determinados grupos, e para isso a Educação Física Escolar estaria preparando as crianças com seus conteúdos. Esta preparação teria como objetivo ir à sociedade fazer justamente o que ela tem como maior característica - competir. Com este ponto já vejo condições de questionar a transformação dita no parágrafo anterior, pois, como pode um profissional se dizer não reprodutor, e preparar seus alunos justamente para lutarem entre si, fato que a sociedade vigente tem estabelecido como pré condição para sobrevivência. Utilizarei um termo mais relacionado às questões biológicas, que é a "Seleção Natural" , mas justamente o homem tem se caracterizado como um ser não tão "natural", por estar conseguindo sobreviver em condições adversas, tanto do meio ambiente, como também de doenças provenientes de características hereditárias, o que para Lima (1990), vêm aumentando o número de habitantes no planeta. Estaria dessa maneira o professor de Educação Física voltando-se a um conceito que em muitas áreas já não está sendo utilizado pela maioria dos profissionais, e deixando assim de ser um profissional que trabalha numa perspectiva transformadora de sociedade, Perroti (1982), se posiciona a esse respeito da seguinte forma:

"...o ser criança não pode ser entendido apenas como um feixe de características naturais em desenvolvimento no tempo. Antes de ser visto como um corpo complexo, sujeito a condições históricas e, por isso, variável...".

Segundo os depoimentos colhidos na entrevista, "as crianças vão lutando entre si, uma vez que isso é um dos objetivos da Educação Física". Procurando fechar esse ponto, me parece haver uma grande incoerência quando se diz que o objetivo é formar uma pessoa transformadora da sua sociedade, e para tanto a preparação ocorre com bases nas lutas entre si, e não no entendimento das relações sociais, ou ainda no trabalho em grupo, onde uns possam cooperar com os outros.

Creio que estas declarações ocorrem muito devido ao embasamento de conteúdo que se estabeleceu na Educação Física Escolar. Baseados unicamente no conteúdo dos regimentos esportivos, sem uma visão crítica sobre eles, possivelmente não estaremos formando crianças conscientes, mas sim, "crianças-soldados", com obrigações a serem cumpridas e com isso poderemos estar colaborando para a manutenção do "status quo".

Analisando essa incoerência estabelecida entre o discurso e a ação do professor, cabe aqui, remeter-me ao depoimento de Saviani (1991), quando resume o quadro dos educadores do Brasil de hoje:

"imbuído do ideário escolanovista (tendência "humanista" moderna) ele é obrigado a trabalhar em condições tradicionais (tendência "humanista"

tradicional) ao mesmo tempo que sofre, de um lado, a pressão da pedagogia oficial (tendência tecnicista) e, de outro, a pressão das análises sócio-estruturais da educação (tendência "crítico-reprodutivista")".

Digo isso porque, como não poderia deixar de ser, a iniciação esportiva é dita como um dos objetivos da Educação Física Escolar. Ao ler Mauro Betti (1991), analisando as questões sociais da Educação Física, justificando através de decretos e leis, a inclusão do esporte no conteúdo dessa área, leio também, um ponto de vista crítico onde o autor procura analisar essa inclusão de modo bastante pertinente, dando conta que no mínimo deve haver reflexão sobre os conteúdos a serem trabalhados. Aí então, observo um professor se **dizer** progressista e incoerentemente, indicar que o conteúdo da Educação Física tem suas bases no código de normas esportivas. Como posso crer que esse profissional transforma a realidade de sua escola, buscando referências divergentes para afirmar suas posturas, colocando-se em posições, na minha opinião, completamente opostas.

Desse modo, como objetivos da Educação Física Escolar, segundo a visão dos professores consultados, teríamos como ocorrências: obrigação de informar os conteúdos aos alunos; formar o aluno dentro de uma visão transformadora, onde ele é a razão da existência escolar, e a escola, por sua vez, é um espaço onde as pessoas lutam entre si; preparar essa criança, para essa sociedade baseada nos conteúdos do rendimento esportivo.

Dessa maneira, é preciso refletir que o profissional dessa área, não esta ocupando seu espaço no contexto educacional, pois afinal em nenhum momento houve citação sobre a importância do relacionamento de conteúdos das áreas de ciências do 1º. grau. Infelizmente a Educação Física continua fora do contexto educacional e isto não é somente devido ao horário das aulas e na questão primária de reconhecimento de valores para a mesma; do meu ponto de vista, e pior ainda, ela permanece mergulhada apenas no mundo competitivo, esquecendo-se que as relações sociais não passam necessariamente por esses valores, e ainda mais, que a probabilidade de ocorrências de atletas de alto nível é mínima, o que dificulta e muito a detecção de um grande talento esportivo, que talvez fosse o grande sonho de muitos profissionais que atuam na área.

Devo reconhecer que tais profissionais são frutos do processo desenvolvido nos últimos anos. Como eu, eles também ouviram dizer que "Esporte é Saúde"; "Esporte é Educação"; "Esporte é Para Todos"; e ultimamente "Esporte Não é Droga". Ainda vejo esses chavões direcionando o pensamento de muitos profissionais da área, sonhando em diminuir as agruras da sociedade, em muitos momentos. Porém, não podemos continuar acreditando nessas "palavras de ordem" que ditam o que é Educação Física, ou então, o que não é Educação Física, sem um maior aprofundamento dessas questões. A mídia sabe utilizar sua máquina para criar movimentos populares equivocados onde não se pensa em criar hábitos de frequência à prática da atividade física, mas sim modismos. A partir desses modismos temos extrema necessidade de diversificar, pois o que interessa é o supermercado de informações conseguindo dessa maneira cativar a atenção das pessoas e mantendo dessa forma a população enganada à respeito daquilo que poderia ser realizado na sociedade através dessa área de

conhecimento, ai sim, contribuindo para uma transformação dos indivíduos na sociedade.

Apenas o destaque sobre alguns pontos referentes às citações anteriores já mereceriam sérias reflexões: saúde necessita de um meio ambiente com condições mínimas de saneamento básico, moradia, hospital etc; isso se considerarmos saúde igual a ausência de doenças. E sabemos da posição atual, ou seja, saúde pode significar um indivíduo equilibrado nos níveis BIO-PSICOSOCIAL. Então podemos responder por uma pequena parcela da "felicidade" das pessoas.

Da mesma forma, educação passa por uma responsabilidade política, como também, pela interação de conteúdos desenvolvidos por várias áreas do conhecimento. Novamente vejo a possibilidade de sermos componentes, ou seja, tijolos que somados a outros tijolos formarão a parede.

E ainda, todos tomarão parte à medida que houver uma política voltada para isso. Se nas entrevistas realizadas constatei que nem na atividade básica das aulas, existe uma preocupação com a "massificação", como podemos querer ampliar os resultados para o campo social.

Dessa maneira, pretendo assumir uma posição que é, considerar a Educação Física, procurando conscientizar-nos das suas limitações, próprias de um componente cultural da sociedade, desenvolvendo um trabalho voltado a cooperação interdisciplinar, e perceber que ela pode ser tida como um tijolo da parede, porém não mais que isso, pois a parede ou a casa construída, significa talvez a FELICIDADE, e não podemos dar conta sozinhos dessa responsabilidade.

O papel da Educação Física talvez seja mais relacionado a um meio de se estimular as pessoas da sociedade a serem mais ativas, procurando



através de seus conteúdos melhorar a qualidade de vida das pessoas, e indiretamente podendo contribuir, através da incorporação desses conteúdos, para o desenvolvimento humano. Agora, entender que dessa atividade irá ocorrer uma finalidade como a felicidade, é uma responsabilidade muito grande, que ao meu ver não é possível a Educação Física assumir o compromisso de realizar algo tão subjetivo.

## 2.2. A EDUCAÇÃO FÍSICA: observação da aula cotidiana

Nessa parte do trabalho pretendo discutir o que tem sido trabalhado e foi observado no dia-a-dia, nas aulas de Educação Física.

Foram observadas duas escolas da rede pública municipal de São Paulo. As escolas observadas se encontravam no perímetro urbano, sendo que uma, com população muito carente, que passarei a me referir como escola A; e a outra, com um nível sócio econômico mais elevado, que passarei a referir-me como escola B. Foi possível observar essa diferença no nível sócio econômico, desde a conservação da escola, até a vestimenta das crianças. Não foram identificadas diferenças, no tipo de trabalho desenvolvido pelo professor de Educação Física, por causa dessa questão social.

O acesso ao espaço das aulas, basicamente quadra poliesportiva, era diferenciado para as duas escolas. Para a escola A era necessário sair do espaço escolar, caminhando pela rua para ter acesso a quadra; para a escola B o acesso se dava internamente, facilitando o deslocamento dos alunos.

O horário de aula da escola A se encontrava fora do período letivo, e na escola B estava incluída no horário. Como consequência desse fato, o número de alunos participantes, das turmas observadas, na escola A era bastante inferior, quando comparado à escola B.

O acompanhamento das aulas foi de abril à junho de 1993. O observador acompanhou as aulas ficando do lado externo da quadra, sem interferir no desenvolvimento das atividades, procurando perceber as relações que se estabeleciam entre professores e alunos; entre os alunos e as atividades. Sobre as atividades, foi observado a forma como elas eram direcionadas aos alunos; seu conteúdo e a forma dos alunos responderem aos estímulos. Os fatos observados eram transcritos logo após o término das aulas. Os critérios de observação foram pré-estabelecidos segundo os componentes de facilitação, clarificação, catalização, e promoção, de acordo com Carvalho (1978?)

Durante o período de observação e transcrição dos fatos presenciados, constatei que, basicamente não havia diferenciação nos conteúdos das aulas relatadas, como também, entre as escolas não ficaram claras diferenças no desenvolvimento das atividades. Isto me levou a refletir sobre a necessidade de aumentar o número de instituições a serem observadas.

Paralelamente a esse processo, a literatura foi apontando para a direção das observações realizadas, ou seja, quando direcionada para a área de Educação Física Escolar, a literatura têm demonstrado que a área Educação Física não tem interagido com o processo de escolarização. A visão dos alunos, como também, dos demais professores, é de um profissional mal qualificado, sem reconhecimento social.

Portanto, a partir disso, passei a entender que não garantiria a qualidade da pesquisa, à partir da elevação do número de instituições, uma vez que as observações corroboraram com o levantamento bibliográfico da área Educação Física, onde autores como Ramos (1992), estudando todas as escolas de uma região, verificou a ocorrência dos mesmos fatos. Mas sim, justificando minha posição à medida que discutisse os resultados e apresentasse uma postura, onde os profissionais pudessem refletir e a partir disso, se sentirem motivados à mudar sua realidade.

Tomei como pontos de referência, também para análise, os conceitos de facilitação, clarificação, catalização e promoção, segundo Carvalho (1978?), pontos estes que já foram aqui esclarecidos anteriormente, no referencial teórico.

Gostaria de lembrar que nesta análise sobre a importância do papel do professor de Educação Física, como animador sócio-cultural, ele é visto como um profissional capaz de ser um agente mobilizador de seus alunos, através de movimentos, podendo com seus conteúdos levá-los a questionar suas condições sociais, ou ainda, qual o papel que ela Educação Física e, ele professor de Educação Física ocupam na escola, perante seus colegas professores e comunidade.

Quero com isto verificar a possibilidade de discussão dos conteúdos de Educação Física transcenderem os muros escolares, como outras disciplinas o fazem, e não na ilusão de preparação de atletas de variadas modalidades esportivas, mas sim, como cidadãos participantes de um contexto sócio-cultural. Nota-se nesse momento uma preocupação com a formação da pessoa.

Portanto, a Educação Física Escolar foi observada, dentro da perspectiva de desenvolvimento de seus conteúdos específicos,

relacionando-se com as disciplinas escolares, onde todos deveriam preocupar-se com o processo de formação das pessoas que ali passam alguns anos de suas vidas. Isso segundo Tani (1988), significa trabalhar numa visão desenvolvimentista, ou seja:

"... caracterizar a progressão normal no crescimento físico, no desenvolvimento fisiológico, motor, cognitivo e afetivo-social...particularmente, nas interações destes processos em crianças...para a estruturação da Educação Física Escolar".

Onde através dos conteúdos vivenciados pela criança nessa época de escolarização, estímulos estarão sendo responsáveis pela base da formação do adulto. Assim, os conteúdos trabalhados nessa fase, permitirão a criança errar, e através do processo de reestruturação para correção do erro, estar se formando a pessoa para atuar na comunidade. Desse modo, estará a educação preocupada com o todo, com a preparação da criança, capaz de criar sua própria cultura e perceber pontos convergentes e divergentes, e mais, capaz de partir dessa percepção para a postura de modificação/mudança das regras do jogo da sociedade, onde ela não será apenas uma peça do jogo sem vontade própria, e sem capacidade de perceber o contexto em que vive. Mas, capaz de tomar atitudes no sentido de direcionar o seu destino com um pouco de autonomia. Estas questões serão aprofundadas no momento da discussão da proposta dos caminhos da Educação Física.

Iniciarei, então, a descrição das observações sistemáticas. Por mais cuidado que tenha tomado na redação, haverá uma repetição dos conteúdos na apresentação dos resultados. Isto ocorre pelo fato de ter analisado separadamente os referenciais adotados por Carvalho (1978?). Os dados serão analisados verificando sua possível implicação na formação das pessoas.

### 2.2.1. FACILITAÇÃO

O autor entende que o professor de Educação Física "*centrará sua atenção especialmente sobre a rede de comunicações elaboradas pelo grupo, procurando abrir sempre novos e mais profundos canais de comunicação*". Carvalho (1978?).

Partindo desse referencial entendi primeiramente que o professor deve ter atenção para o grupo com que está desenvolvendo a aula. Deverá haver um processo onde o aluno se faz presente, seja na condição de mero executante, o que já não é de muito bom grado, pois desse modo estará o aluno muito mais reproduzindo do que criando possibilidades de autonomia, ou na condição de participante do processo, aí sim, conseguindo estabelecer diretrizes para o desenvolvimento dos conteúdos a serem vivenciados. Marcellino (1986), afirma que "*...é importante assegurar e estimular a vivência do lúdico na criança, buscando formar uma base sólida onde a criatividade e a criticidade possam ser fundamentadas*". Desse modo, é fundamental que a criança participe da aula, criticando e criando momentos, onde ela dirija sua atenção para os objetivos pessoais.

Dumazedier (1980), refere-se a atitude de criação como ponto fundamental para a formação de uma sociedade educativa, possuindo duas

fontes para seu desenvolvimento, dentro e fora do trabalho. Entendo que o espaço escolar é um momento que antecede o tempo de trabalho, embora seja um tempo de obrigações escolares, assim a criatividade pode ser estimulada visando essa formação para um novo estilo de vida. O mesmo autor afirma que,

"...as atividades criativas do lazer criam a consciência da necessidade da formação de uma sociedade, e propiciam oportunidades para a assimilação de um novo estilo de vida, para aprender a viver melhor".

Desse modo, o componente lúdico presente nas aulas de Educação Física, estará proporcionando uma via de emancipação da pessoa humana, possibilitando ao aluno acesso ao professor e convidando-o a prestar atenção aos detalhes observados, tornando desse modo, a aula como uma via facilitadora da comunicação.

Depois disso, vejo que a comunicação entre o grupo também deve ser alvo de desenvolvimento dos trabalhos. Tendo em vista a tão decantada identificação do professor de Educação Física com os alunos, pelas características das aulas, pode parecer-nos um item fácil de se concretizar; porém quero que se perceba a dificuldade para isso se tornar eficaz, e mais ainda "natural". Do meu ponto de vista, já é tempo do professor perceber a importância das suas palavras, e portanto, é necessário que estas palavras sejam ditas de modo muito bem elaborado e consciente. Muitas vezes o gesto acaba tendo um segundo significado, o mais importante acaba sendo, a forma como foi dito, e isto poderá ser levado para toda a vida do educando. As atitudes devem portanto, ser bem pensadas e verificadas

antes de serem tomadas, pois elas são demonstração do pensamento. Este, por sua vez deve levar em consideração os objetivos estabelecidos para as aulas. Rubem Alves (1989), já afirmava

"... *educadores* são como as velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma "estória" a ser contada. Habitam um mundo em que o vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma "entidade" *sui generis*, portador de um nome, também de uma "estória", sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo pra acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal".

Enfim, entendo que enquanto agente facilitador é necessário que o professor ocupe seu espaço no mundo da escola. Não cabe mais um profissional desligado do contexto educacional, alienado às coisas que cercam constantemente sua realidade e de seus alunos. Só se justifica o papel de professor à medida que este ocupar uma postura e transferir para seus alunos essa visão de mundo; para tanto é fundamental o envolvimento dos conteúdos das aulas de Educação Física, com o contexto escolar, ou seja, com o conteúdo desenvolvido, em sala de aula, pelas outras disciplinas.

Iniciando a discussão das observações realizadas nos colégios, precisamos primeiramente levar em consideração a **questão do horário das**

**aulas.** Elas ainda são organizadas e/ou divididas segundo a necessidade do professor, que de modo geral não leva em consideração os problemas vividos pelos alunos, para se deslocarem duas vezes até o local da escola. Segundo Ramos (1992), "*A questão do horário porém, está nas mãos do professor de Educação Física, que, dependendo do grau de sua conscientização do valor do componente que ministra, facilita ou dificulta o horário para os alunos*". Isto acarreta para o aluno uma menor disponibilidade de manipulação do tempo, que nas classes sociais mais baixas, muitas vezes é utilizado para afazeres domésticos, ou até mesmo para trabalhar, e também, causa um maior gasto de dinheiro, quando há necessidade de utilizar algum meio de transporte. Quando o horário de aula está dentro do período letivo, isso não ocorre, aumentando o número de participantes das atividades. Certamente um maior respeito ao horário e às atividades desenvolvidas pelas crianças nos horários extras, contribuiria para uma maior frequência às aulas. O fato dos alunos não serem consultados sobre as possibilidades de horário, mas sim, os horários serem montados de acordo com a sobrecarga que o professor possui, começa a indicar o modelo de Educação Física que aqui será discutido.

Um outro ponto observado foi a **divisão das turmas**. Ela ocorreu de duas maneiras: na primeira tanto meninos como as meninas vinham para a aula e, era ali feita a divisão por sexos; na segunda, as atividades eram desenvolvidas por todos os alunos indistintamente.

No primeiro caso verificou-se uma total desvalorização das atividades desenvolvidas pelas meninas. À elas era negada indiretamente a oportunidade de participarem das aulas; isso se dava pelo fato do professor privilegiar o melhor espaço, para atividades desenvolvidas pelos meninos. E para as meninas ficava sempre um espaço secundário, onde, de modo geral



elas brincavam de alguma atividade, sem a presença do professor, pois este ficava no local onde as atividades dos meninos estavam sendo desenvolvidas.

No segundo caso, a participação era maior e efetivamente a interação meninos e meninas ocorria, embora houvesse uma predominância de participação nas atividades por parte dos meninos. Não foi verificada interferência negativa na qualidade do trabalho pelo fato de estarem todas as crianças participando, mas sim, houve um maior envolvimento. Desse modo ocorre-me que a Educação Física em alguns momentos, está trabalhando as diferenças que existem entre homens e mulheres, utilizando para isso a estratégia de comando, não só no plano "físico", mas também, no plano social, privilegiando o melhor espaço para o garoto, e deixando a menina sem oportunidades iguais; isso poderá muito mais omitir as igualdades e ampliar as diferenças que no futuro essas crianças terão oportunidade de vivenciar na sua comunidade. Ramos (1992), se posiciona sobre essa questão afirmando que:

" O que se tem visto é que, em algumas escolas onde as turmas são mistas, os professores estão permitindo que haja um 'empobrecimento' das aulas, em nome de adequá-las aos dois sexos. Na realidade parece que o professor também não está preparado para dar aula para os dois sexos conjuntamente".

Outra possibilidade de explicação é a maior facilidade no desenvolvimento dos conteúdos esportivos que os meninos demonstram, e que as meninas se apresentam com menor disponibilidade; porém falamos nesse aspecto da facilitação da comunicação e não na melhor criança aprendendo uma técnica esportiva específica.

A forma como ocorre a **obediência às palavras do professor** também chamou a atenção. A aula é conduzida pelo professor, ou seja, as ordens são dadas para a realização dessa ou daquela atividade; nesse caso não houve contestação, ou mesmo questionamento sobre o porquê das ordens dadas, fato que indicou pouca comunicação, bem como, pouco esclarecimento das atividades. Aqui independe do horário das aulas, e do sexo dos professores, tanto para horários dentro ou fora do período letivo, ou ainda, tanto para professor ou professora a estratégia utilizada para apresentação dos conteúdos é o **Comando**. Marcellino (1988), esclarece muito bem o que ocorre nessa relação distante,

"Dentro da sala de aula, o que se verifica, na maioria das vezes, é o estabelecimento de regras disciplinares de modo arbitrário. Além disso, pode-se perceber a não explicitação dessas regras, e a exigência do seu cumprimento é feita com base em ameaças de punições. Isso pode provocar reações conformistas ou de resistência, ou seja, a aceitação como forma de adestramento ou a indisciplina,

variando desde a fuga através, por exemplo, de conversas paralelas, à depredação das escolas".

De modo geral essa estratégia se torna ainda mais dura, quando existe a presença de pessoas estranhas, no caso um observador, ou ainda, com a presença de alunos pertencentes a outras turmas de outros horários. Talvez se houvesse uma diversificação das estratégias utilizadas para o desenvolvimento das aulas, os alunos pudessem perceber que não é só através de ordens que os conteúdos da Educação Física podem ser desenvolvidos. Utilizo aqui as palavras de Novaski (1989), "*...para que serve uma sala de aula se não for capaz de nos transportar além da sala de aula?*".

Ainda levando em consideração a postura do professor em referência ao **processo de comunicação**, foi observado uma falta de explicação das propostas de trabalho a serem realizadas. Para as crianças, de modo geral, não era dado o direito de se manifestar sobre as tarefas que iriam ser desenvolvidas no dia. Em momento algum foi visto a discussão dos conteúdos para se chegar ao que mais agradaria a todos; a ocorrência sempre foi de determinação das atividades, por parte dos professores, e de execução por parte dos alunos. Possivelmente isso também não ocorreu quando da determinação dos conteúdos a serem desenvolvidos no ano letivo; aqui se observa que o aluno em momento algum participa das decisões das atividades que ele irá vivenciar, e retomando ironicamente os depoimentos dos professores, já apresentados, das **atividades que serão constituídas para ele aluno, pois afinal "ele é a razão da escola"**.

Esses fatos todos ficam mais preocupantes, quando se verifica que nas escolas não estão sendo discutidos critérios para adoção das atividades. Não está claro se o conteúdo escolhido pelo professor ocorre pelo fato do

mesmo gostar do esporte, ou dele ter contato com o esporte na sua graduação universitária, ou ainda, por ser moda na época que se está desenvolvendo os conteúdos. Vale aqui lembrar as épocas de olimpíadas, copa do mundo, campeonatos mundiais e até mesmo finais de campeonatos estaduais e as suas consequências nas aulas, não de modo crítico, mas meramente conformista.

Creio que se faz necessário observar critérios para adoção de programas, ou seja, quando da escolha do conteúdo a ser trabalhado deve haver consulta aos interessados, sobre quais são as atividades mais agradáveis, e unir a isso as atividades vistas como mais adequadas aquela faixa etária, e aquele tipo de comunidade, ou seja, que se faça uma adequação do que foi aprendido na graduação, com o que a realidade nos apresenta. Posteriormente, haver um esclarecimento desses pontos aos alunos, informando-os do porquê e para que estarão realizando as aulas; talvez quando o aluno souber mais, onde se pretende chegar com essa ou aquela atividade, a participação se tornará maior, e por outro lado, pode ser que diminua o desinteresse observado nas crianças quando elas não se "encaixam" em determinadas atividades.

Outra ocorrência comum que se verificou foi a **diferença de idade, dentro dos grupos**. A comunicação em muitos momentos se viu prejudicada pela diferença de interesses e entendimento dos conteúdos. Considerarei primeiramente a idade cronológica. É possível encontrar alunos numa mesma turma com diferenças de idade igual ou superior a quatro anos. Quando se fala em adultos, quatro anos pode não representar barreiras no entendimento e resposta às atividades, mas, quando se fala em crianças numa faixa etária de 10 a 15 anos, nota-se uma brutal diferença. Se considerarmos a idade biológica, ou seja, o processo de amadurecimento

biológico que ocorre em todos os indivíduos, desde a concepção até a idade adulta, e que necessariamente não acompanha a idade cronológica, a diferença talvez possa chegar a mais ou menos seis ou sete anos de idade. Isso ocorrerá porque podemos encontrar crianças que são tardias para o amadurecimento biológico, ou seja, o ritmo de amadurecimento da idade biológica é mais lento do que a idade cronológica, em contacto com crianças que são precoces para a idade biológica, ou seja, o ritmo de amadurecimento da idade biológica é mais acelerado do que a idade cronológica. Baseado em Tanner (1979), entendo que basta isso, somado a uma diferença absoluta na idade cronológica para termos um espaço de seis ou sete anos entre duas crianças.

Assim, como poderá um profissional atingir algum objetivo trabalhando com grupos tão heterogêneos. Certamente o aproveitamento é dificultado, podendo causar, muitas vezes, uma maior indefinição pessoal, do que um desenvolvimento humano.

Ainda é necessário registrar que o **sexo feminino** sofre um outro problema. Em muitos dias meninas que faziam aula em horário diferente do horário letivo, se manifestavam descontentes com as aulas e diziam da necessidade de irem embora, por causa dos trabalhos domésticos, onde elas desenvolviam o papel de mulheres adultas, tomando conta da casa e dos irmãos mais jovens. Lembro-me de uma determinada aula em que uma das alunas levou sua irmã mais nova, com mais ou menos quatro anos de idade, e deixou-a sentada, à beira da quadra, esperando que a aula se desenrolasse.

Outro fato me chamou a atenção. Certo dia o professor recebeu um bilhete, mais tarde disse-me, "leia o bilhete que recebi". Lendo o papel verifiquei que se tratava de uma "declaração de amor". Era uma das garotas

que se colocava a disposição dele, a ponto que ser capaz das mais "loucas atitudes" para ter "momentos agradáveis" ao seu lado. A meu ver esse papel de sedutor em relação às meninas não era muito consciente do seu significado por parte do professor; digo isso pois vejo nessa atitude um significado de mudança da "vida", pois enxergam esse profissional, muitas vezes, como alguém que poderia retirá-las da condição vivida. Embora possa haver todo esse significado, o fato foi considerado pelo professor como brincadeira, não levando em consideração a abrangência do problema social de que isso pode ser indicador.

Acredito que o papel de conscientização sobre a realidade escolar também faça parte do papel desse profissional, pois em muitos momentos observei alguns alunos desinteressados pela proposta apresentada. Era comum ver alunos jogando outros jogos paralelamente ao que ocorria na quadra, mostrando-se adversos a proposta do professor. Talvez isso ocorresse devido ao fato daquela atividade, especificamente, ter pouca representatividade para o aluno. Dentro dessa perspectiva, a indisciplina pode ser considerada uma reação ao jogo imposto pelo professor. Postas as regras (às vezes elas não são explicitadas), de cuja elaboração não participaram, os alunos poderão ignorá-las ou desrespeitá-las. Caracteriza-se, dessa forma, os "*desmancha-prazeres*", de que nos fala Huizinga (1971).

Considerando o espaço escolar como local onde possa haver interação dos conhecimentos e que isso deva ser realizado com satisfação para os componentes desta relação, parece-me muito distante a realidade escolar integrada, ou seja, exceto em atividades chamadas folclóricas não tive oportunidade de observar interação entre as várias áreas e a Educação Física. Portanto, pareceu-me muito mais que, **a atitude reforçada é de**

**conformismo com o que está colocado socialmente, do que a reflexão sobre a realidade, buscando possibilidades de transformação.**

A falta de critérios por parte dos professores para atribuição dos conteúdos e atividades, bem como, para transmitir aos seus alunos a mensagem parece ser um item forte para a manutenção desse sistema. Talvez se houvesse diferenciação na atribuição das atividades, poderia o professor estar contribuindo para que seu aluno, no futuro, pensasse que nem todas as pessoas devem ter as mesmas atividades e conseqüentemente oportunidades, ou até mesmo criar uma via participativa. Penso que se fossem trabalhadas atividades diferenciadas, respeitando a individualidade das crianças, no futuro elas teriam um referencial, para se basear.

Cito como exemplo as atividades presenciadas durante o período de observação. Pareceu-me que ***não houve critérios pré estabelecidos em bases científico-pedagógicas, para propor as atividades***, por exemplo, atividades mais leves para as meninas, respeitando seu menor grau de força, comparado aos meninos. Por outro lado, estimular o maior potencial orgânico dos garotos para atividades que exigiam performance. O que verifiquei foi, ou que não havia diferenciação nesse nível apresentado, ou então que as diferenças eram estabelecidas sem referencial possível de entendimento. Isso levou-me a pensar que, em alguns momentos, o professor faz um papel de representação, onde seu conteúdo é vazio, pois ele não ocupa o "status" de professor consciente da realidade, integrado ao contexto educacional, e também, deixa, desse modo, de auxiliar a formação, pensando no desenvolvimento humano, pessoal e social dos alunos com quem ele mantém contato. Verifiquei que, tanto quando as tarefas eram atribuídas, como quando elas eram modificadas, os alunos manifestavam descontentamento com a aula, e suas reações eram de esvaziamento, isto

pode ser relacionado com as atitudes que as pessoas tomam na sociedade, onde muitas vezes descontentes acabam não interferindo na sua realidade, mas sim, deixando de participar e exercer seu papel de cidadão.

Tomando todas as questões citadas até agora, parece que me remeter a **forma de comunicação** é algo bastante pertinente. **A pobreza do vocabulário** utilizado para as comunicações entre os grupos era algo patente. Não verifiquei preocupação em utilizar, nas conversas com os alunos, um vocabulário melhor elaborado; ao contrário, em muitos momentos um diálogo era substituído pela utilização de palavras de baixo nível, com palavrões e alguns coros/ refrões de torcidas organizadas de futebol, como palavras de ordem.

Este fato me faz lembrar a franca preferência pelo esporte futebol que havia entre os meninos, mas mesmo isso foi ponto que me chamou a atenção durante a observação. Sempre havia antes do momento da aula, alunos que traziam uma bola de futebol e começavam a brincar, até que o professor chegasse; Nesse momento descontraído, a participação era grande, havendo inclusive, participação indireta de algumas meninas. Quando o professor chegava para a aula ocorria a transformação da brincadeira, em conteúdo de aula, ou seja, aquela "brincadeira de futebol" onde ocorria a participação da maioria, sem grande preocupação com regras oficiais, passava a algo mais formal. O professor terminava com a brincadeira, chamava os garotos para fazerem as divisões dos times, pedia para as meninas irem para outro local, e formalizava a brincadeira, dando um apito para algum garoto que começava a apitar o jogo, que agora possuía regras definidas e um responsável pelo desenvolvimento da partida. Nesse momento também, muitos deixavam de participar, pois não eram habilidosos e diminuía a possibilidade da equipe vencer, uma vez que, quem vencesse



continuava. Além do mais, o número de jogadores por equipe diminuía, tornava-se oficial. Enquanto isso as meninas, em outro espaço brincavam com uma bola, sem que necessariamente estivessem vinculadas à aula. Quero com isso dizer que, quando começava a haver coordenação dos trabalhos por parte do professor, havia uma nítida lentidão na resolução dos problemas, bem como uma menor participação dos membros que estavam envolvidos na brincadeira/atividade. Isso indica na direção da não representatividade da cultura da criança, a partir daí ela não se encontra valorizada na apresentação das atividades.

Parece-me importante, o professor assumir o papel de mediador entre a criança e a sociedade. Segundo Marcellino (1990),

"... A escola é entendida como agência mediadora entre a cultura popular e a erudita, e onde existe a possibilidade de desmascaramento ( em Moraes 1986a, 90-91). Mas, acredito que, para que a ação educativa da Escola possa contribuir para a instauração de uma nova ordem, *é necessário que esse desmascaramento não ocorra apenas no nível dos conteúdos formais de ensino/aprendizagem; é necessária a revisão desses conteúdos, o que significa, pelo menos no início do processo de escolarização, trabalhar a partir dos*

conteúdos da cultura da criança, respeitando esses conteúdos e caminhando no sentido de sua promoção; *mas também é necessário ir além - que a própria relação educando/educador contribua para o desmascaramento, tendo como recurso o caráter lúdico que possa impregná-la*".

Esses fatos remetem-me à produção do brinquedo feita pelo adulto para a criança e não por ela mesma. Há necessidade dela, criança, participar da formulação da brincadeira/jogo, como também, das regras que compõem a atividade, quando isso é realizado pelo adulto, parece haver um furto do aspecto lúdico, causando muito mais prejuízos à formação do aluno do que realmente potencializando sua possível condição de um agente condutor para uma maior participação na criação das atividades. Dessa maneira, a construção do brinquedo no período da infância, poderia contribuir para tornar uma criança capaz de manifestar-se culturalmente, estimulando o desenvolvimento humano.

Isto foi muito perceptível quando a atividade "Queimada" era apresentada, e que continua sendo desenvolvida como conteúdo das aulas de Educação Física. O problema em minha opinião não é ela ser parte das aulas, mas sim, ser um componente que predomina sobre os outros. Porém, percebi, nesse período de observação, que a única possibilidade de manifestação das crianças e de maior participação no processo, bem como, durante a realização da atividade, foi na "Queimada". Não irei aqui defendê-la, mas quero registrar que ela acabou se tornando, aos meus olhos, como a

melhor opção de participação das crianças. Nisso podemos considerar as diferenças de sexo, idade, etc... É verdade que predominava a melhor habilidade e força, porém mesmo aqueles mais fracos, menores, e menos habilidosos, sentiam-se participantes da atividade.

Através dessas observações não mudei minha opinião sobre a queimada, porém, percebi que ainda se apresenta como a maior possibilidade do aluno expressar-se através do movimento no espaço escolar. Portanto, essa atividade tenha sido a única possibilidade de verificarmos as crianças na sua essência, pois como Freire (1991), afirma:

"... Descrever o homem se movimentando é descrever sua inteligência. Descrevê-lo em ato é descrever seus sentimentos, e assim por diante. Descrever a motricidade é descrever um sistema em funcionamento. Trata-se, na verdade, de descrever a única realidade visível do ser humano..."

Parece então, ser necessário que, a aula de Educação Física proporcione várias possibilidades de movimentos, que se constituam em momentos onde o aluno possa expressar seu lado sensível.

Este fato que ainda ocorre na Educação Física Escolar, não está acompanhando as tendências e perspectivas da área do Movimento Humano. A desatualização profissional, ou ainda, a falta de interesses na procura de novas alternativas, vêm colaborando fortemente para a valorização dos momentos em que ocorre a ausência do professor. Gostaria

de reforçar aqui a posição de Soares (1992), quando apresenta sua visão para o século XXI:

"Desejamos que os alunos apreendam a ginástica em todas as suas formas historicamente determinadas e culturalmente construídas; o fantástico acervo de jogos que eles conhecem confrontados com os que não conhecem; a dança enquanto uma linguagem social que permite a transmissão de sentimentos e emoções da afetividade vivida nas esferas da religiosidade, do trabalho, dos costumes, etc; o esporte como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal universal, e que se projeta numa dimensão complexa que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e pratica. Assim, a Educação Física deixa de ser vazia de conteúdo".

### 2.2.2. CLARIFICAÇÃO

Quanto à questão da clarificação, Carvalho (1978?), se refere da seguinte maneira: o professor atua "*procurando esclarecer o grupo e cada um dos seus elementos sobre o significado do comportamento individual e coletivo*". Para isso nada mais justo que o próprio testemunho dê conta da questão, ou seja, o comportamento assumido perante a escola e os demais professores, demonstra a possibilidade de haver esclarecimentos sobre o papel da Educação Física na escola. É de vital importância a atuação junto aos alunos esclarecendo-os sobre a realidade da Educação Física Escolar e seus objetivos. Não basta alimentar os sonhos dessas crianças e jovens, sobre a possibilidade de se tornarem tão famosos quanto seus ídolos, é preciso conscientizá-los da realidade de sua comunidade e das dificuldades que poderão enfrentar no caminho que escolherão, da luta que será necessária para que possa ser modificado algo na sociedade atual. Juntamente com essas discussões, apresentar para eles a possibilidade de ocupação de papéis perante a sociedade/grupo em que vivem, e também, a influência que a sociedade/grupo exerce sobre eles. Esclarecer os valores que estão por detrás dos mega eventos esportivos, dos grandes jogos realizados em grandes estádios, da "máquina" que procura cada vez mais lotar estádios e esvaziar pensamentos e protestos sobre a qualidade de vida. O professor não pode tornar-se omissos perante a responsabilidade de preparar um indivíduo adulto para o futuro

Começo a descrever as observações sobre este ponto.

O fato do **horário das aulas** ser fora do horário letivo, não é discutido nem muito menos esclarecido. É interessante até mesmo pensarmos na aula que é ministrada durante o período. Ela também, não é discutida ou, não é vista como integrante do conteúdo escolar, e mesmo ocorrendo no mesmo horário, fica fora do contexto, ocupando o papel de

aliviador de tensões e relaxamento para as crianças. Isso quando não ocorrem reclamações do suor e/ou agitação que por ventura uma atividade possa ter provocado. Mas, o fato é que, em nenhuma situação, os alunos são esclarecidos sobre seu papel. Eles são comandados.

Esclarecimento sobre a **divisão das atividades para os sexos**, também não ocorrem. Em alguns momentos a divisão era realizada, em outros não, mas não havia comunicação sobre o porquê. Parece-me interessante discutir com alunos as diferenças que o sexo traz para as respostas às atividades, e trabalhar isto com as crianças. Talvez isso pudesse dar um noção a elas que cada organismo tem suas características e que eles podem em muitos casos se tornarem cooperativos, completando uma maior habilidade a uma maior força por exemplo, e não se trabalhar numa perspectiva de competição homem *versus* mulher. Talvez isso aproximasse meninos e meninas, fato que é tão raro acontecer nessa faixa etária, pois já contamos com um amadurecimento mais precoce da menina em relação ao menino, e isso se agrava mais quando não é esclarecido para quem esta vivenciando o processo, sem ter consciência. E os alunos continuarão sem ter consciência se os professores continuarem ignorando essas diferenças.

Pareceu-me muito confusa a questão da **comunicação professor-aluno**, podendo estar havendo uma deficiência em alguns casos, para uma comunicação mais efetiva. Em outras situações nem comunicação parece estar havendo, pois quando se dá um comando, espera-se uma atitude e não se estabelece diálogo. Talvez com isso, possamos entender a não obediência às palavras de ordem dos professores, uma vez que o comando não é entendido, ou até mesmo o porquê daquela ordem; assim, não tem sentido seguir as determinações ordenadas.

Tudo isso faz com que possa ser colocado a seguinte questão: Até que ponto o aluno entende a proposta da aula de Educação Física, ou será que ele consegue participar dela, simplesmente por conhecer, via meios de comunicação, como se joga, participa, como são as regras etc...? Não me parece que os órgãos de comunicação, tenham condições de desenvolver os conteúdos de uma aula de Educação Física, que tenha por objetivo o desenvolvimento humano. Poderão até, representar alguns modelos mais tradicionais, porém, o papel de professor questionador, transformador da sociedade, parece-me não ser possível. Infelizmente encontramos profissionais que trabalham numa perspectiva de reprodução, e assim, nesse caso especificamente, transforma a aula numa transmissão semelhante aos meios de comunicação.

Talvez possamos unir a isto o problema da pouca diversidade para as estratégias de ensino, ou seja, juntamente com a informação do conteúdo esportivo nos meios de comunicação o professor, de modo geral, se manifesta através de comando, dificultando a aproximação do aluno, e como as poucas ordens entendidas muitas vezes se assemelham ao que é visto nos meios de comunicação, a participação pode estar garantida, sem que haja necessariamente comunicação e esclarecimento do que está se fazendo. Se conseguirmos chegar ao ponto de concluir que realmente isto vêm ocorrendo, então o papel da Educação Física tem que ser totalmente revisto.

Observei que essa postura de não clarificação dos pontos, causa tumulto durante as aulas, onde existe uma busca generalizada para descobrir qual é a proposta, quais são as regras, quando "vale o que", causando, o que para outros professores, é considerado como desorganização.

Para aumentar esse fato, surgem os alunos, que farão aula no horário seguinte, tumultuando e em muitas ocasiões interferindo no desenvolvimento das aulas.

Todos esses aspectos, tornam a tarefa mais difícil para o professor, pois conseguir tornar o grupo homogêneo, para desenvolver um trabalho que possa contribuir para o desenvolvimento do indivíduo, onde exista comunicação e esclarecimento dos conteúdos não é muito fácil. Pode ser que isso esteja se tornando mais difícil ainda, devido ao processo de formação profissional do licenciado em Educação Física. Pela falta de conscientização do próprio professor do papel que ele ocupa, ou deveria ocupar perante a comunidade escolar:

"A atuação do educador não envolve apenas sua tarefa técnica, mas também um compromisso político. É dentro dessa esfera do compromisso político que se insere a preocupação com a recuperação do lúdico, através da sua linguagem, reaprendendo a falar, em conjunto com seus alunos, e tentando recuperar o sentido original de "ludus". Creio ser fundamental essa recuperação se quisermos contar com a força subversiva do lúdico, contribuindo para a derrubada da 'realidade', denunciando-a pela contradição com o prazer, para que a esperança não



morra, através da resistência da festa", Marcellino (1988).

Talvez seja necessário uma posição mais esclarecida do próprio professor, e também uma postura que busque o sentido de desenvolvimento humano. No que se refere, às observações eu diria que isto está longe de ser realidade, a predominância de atividades e atitudes, ainda se encontra dentro dos modelos descritos por Oliveira (1988)

"Como consequência dessa formação deficiente, a atuação do professor de Educação Física no 1º. Grau tem ficado muito comprometida. Para Aragão e Carmo (1983), a observação da prática da Educação Física nas escolas de 1º., 2º. e 3º. graus evidencia uma atividade sem continuidade, articulação, unidade, consistência no ensino e relação com a realidade. Nas primeiras séries do 1º. grau tem havido por parte dos professores uma tendência e preocupação excessivas com a aprendizagem de habilidades esportivas específicas, contrariando princípios de crescimento e desenvolvimento (Brasil, Mec, 1982)

"

O observado foi que teve pouca clareza na comunicação professor-aluno, sem explicações das propostas de atividades de trabalho, muito menos de mudanças dessas atividades. O processo de realização das tarefas observado nos mostrou, em muitos casos, um grupo de autômatos realizando um trabalho qualquer. E ainda para piorar, ocorre geralmente, na realização das aulas, uma heterogeneidade muito grande no grupo, ao nível de idade, tamanho, características intelectuais, etc.

Foi constatado ainda, a **falta de planejamento**, programação do que seria desenvolvido durante a aula; talvez isso tenha sido mais um componente da falta de esclarecimento. Portanto a carga de trabalho ou os objetivos a serem alcançados não se tornavam claros, nem aos olhos dos alunos, como também, o próprio professor não apresentou uma seqüência lógica de trabalho. Pude observar numa mesma aula, atividade de "queimada" e ensaio de festa junina, o que já pode ser considerado indevido. Outra situação presenciada foi, no princípio da aula, iniciação de basquetebol e depois essa atividade ser encerrada para a prática da queimada. Observei ainda, iniciação da aula com exercícios de formação corporal, passar para aprendizagem de basquetebol e terminar com um jogo de futebol.

Essas ocorrências, no meu modo de entender, indicam incoerência e falta de planejamento das atividades a serem realizadas, além de se trabalhar conteúdos que não se referem diretamente a área Educação Física. Não que não possa haver interação dos conteúdos, pois numa dança junina, existe movimento, mas não é o professor de Educação Física o único profissional que tem seu conteúdo envolvido nessa atividade.

Nesse sentido, a postura do profissional deixou a desejar pois o esperado de um professor "**formado no sentido de contribuir para o**

**desenvolvimento das características motoras das pessoas"**, não se pôde observar. As aspas estão aí, porque quero indiretamente questionar a formação dos professores, que parece estar contribuindo para o quadro que observei, e, embora não seja objetivo deste trabalho, não posso deixar de tocar nesse ponto. Portanto, o papel desse professor é de no mínimo, estimular de algum modo efetivo, através de alguma atividade física, o movimento das crianças, e de preferência, em minha opinião, numa perspectiva desenvolvimentista. Esta perspectiva é particularmente entendida aqui, como canal de estímulos às funções de uma criança, onde ela recebe características internas a serem **complementadas** com a interação do meio ambiente.

Considero necessário uma preocupação do professor com os aspectos fisiológico, motor, cognitivo e afetivo-social no momento das atividades.

Perspectiva desenvolvimentista aplicada à Educação Física, passa a ser entendida como um meio também capaz de estimular o funcionamento das várias faces que constituem o ser humano.

Isso significa poder realizar através do movimento humano, uma prática que estimule o desenvolvimento fisiológico, motor, cognitivo e afetivo-social, visando o desenvolvimento humano.

Quero aqui também me referir a dois itens mais. O primeiro refere-se a quantidade de atividades que em algumas aulas pode ser visto. Numa mesma aula trabalhava-se dois, três às vezes quatro tipos de atividades diferenciadas. Isto se não forem considerados exercícios formativos, que para estarem incluídos dentro desta denominação, teriam que ser olhados com muito cuidado. Como atingir um objetivo educacional se não existe tempo para retenção do conteúdo e mais, para treinamento da habilidade,

entendendo treinamento aqui, como o processo de repetição de uma habilidade aprendida. Quanto tempo seria necessário para obter um bom resultado nessa habilidade, pois se a necessidade é mais de um dia de aula, já estaria comprometida, pois à cada dia o conteúdo era diferenciado sem que houvesse uma seqüência lógica para sua alteração.

O outro ponto é a **quantidade de informação contida no comando**. A quantidade de palavras ditas na comunicação entre professor e aluno foi muito pequena. Infelizmente o observado nos leva a identificar que a maioria das palavras tinha uma conotação ofensiva, ou então, por várias vezes foram identificadas palavras de ordem de torcidas uniformizadas, sempre com um componente de agressividade envolvido na comunicação. Talvez isso possa ser um componente importante para o entendimento da falta de esclarecimento das aulas de Educação Física.

Tomando por conta o objetivo de proporcionar às pessoas algumas habilidades no que se refere a movimentar-se no mundo, questiono a gama de movimentos propostos para essas pessoas/crianças. Qual riqueza motora pode ser proporcionada a uma criança, se de modo geral em três/quatro meses de aulas, o movimento mais executado para os meninos foi o futebol, e para as meninas a queimada ?. Com isso quero discutir a "especialização" que se pensa estar fazendo nessa fase, digo pois que se pensa, porque não ocorre um trabalho visando algo específico. Além disso, reflito sobre a pobreza que é um professor desenvolver apenas movimentos específicos com seus alunos, uma vez que o universo de possibilidades de movimento para o ser humano é tão vasto, talvez ilimitado. Fato foi que a estimulação para movimento apresentou-se muito pobre e também sem orientação clara; talvez a falta de planejamento possa responder esta colocação.

Fica difícil estabelecer clareza na atitude profissional tomada pelos professores de Educação Física no envolvimento com a educação. Com a qualidade e quantidade de estímulos e materiais utilizados para o desenvolvimento dos trabalhos, com a indefinição quanto à validade da frequência dos alunos às aulas, com a irregularidade dos conteúdos desenvolvidos, não parece ser possível chegarmos a conclusões muito agradáveis.

Interessante observar que, em alguns momentos, o próprio grupo tentou se organizar, independentemente do professor, mas por falta de atividades que os orientassem nesse sentido, essas iniciativas ficaram isoladas e acabaram estéreis. Nessas ocasiões, a organização sempre estava atrelada à coordenação dos mais velhos, ou seja, as regras eram ditadas pelos de maior idade, estabelecendo o que os mais jovens deveriam fazer. Note-se que sempre um grupo, em qualquer situação pode estar sendo conduzido ao não questionamento, à discriminação; isto ocorreu com os mais jovens, mas também, com as meninas quando estas estavam subordinadas às ordens dos meninos.

Ainda sobre a comunicação devo relatar o **papel do apito** utilizado pelo professor para comandar a aula. Ele **substituía em alguns casos as palavras** e indicava o erro do aluno. Mas com isso ele ocupa um espaço de interação entre as pessoas, os sons emitidos por este objeto perdem o sentido quando comparados às palavras das pessoas. Como poderá alguém ensinar ou aprender algo, através do som dos apitos?

### 2.2.3. CATALIZAÇÃO

No componente catalização, segundo Carvalho (1978?), o professor deverá "... *suscitar um movimento de constante procura do grupo no sentido deste poder elaborar, por si próprio, as formas concretas de ação para que está motivado*". Nessa abordagem temos que considerar a questão da organização do grupo trabalhando para a elaboração dos trabalhos a serem desenvolvidos. É necessária uma proposta que conscientize os alunos sobre a possibilidade de que, uma vez organizados, poderão desenvolver atividades de extrema validade para si mesmos e para a sociedade. A palavra motivação tem sentido ímpar, no processo de aprendizagem. Uma pessoa motivada se desenvolverá de modo muito mais dinâmico do que, uma outra sem estímulo ou motivação. Se faz necessário a elaboração dos conteúdos de acordo com os objetivos do grupo, para que o mesmo responda de modo positivo às atividades propostas pelo professor, e possa de modo satisfatório transformá-las segundo suas próprias necessidades, tornando, desse modo, o conteúdo aplicável à sua realidade. Teremos dessa maneira uma Educação Física aplicada ao cotidiano das pessoas, e melhor, um conteúdo onde a aplicação não se dará simplesmente entre quatro linhas, mas sim envolvendo os conhecimentos existentes dentro dos muros escolares.

Descreverei o que foi observado na rede pública de ensino para a questão apresentada acima, as propostas levadas até o grupo e as formas de ação para responderem à essas atividades.

Não ficou claro qualquer tentativa de melhor elaboração do grupo, no sentido de organização interna. A questão dos **horários**, por exemplo, mesmo não sendo para as crianças, o melhor período, foi algo que se manteve e creio se manterá atrelado às possibilidades do professor. Percebi

sim, uma atitude submissa de acatar, ou então, de não participar das atividades e/ou aulas de Educação Física.

Também, no caso da **separação do grupo por sexo**, diminuindo as possibilidades de interação entre meninos e meninas durante a aula, a manutenção da situação foi consolidada. É possível entender essa postura por parte dos alunos, considerando que o conteúdo visava a performance, e não uma atitude de cooperação, e entendimento dos papéis que cada grupo poderia estar desenvolvendo na sociedade. Dessa maneira, os meninos sempre responderam de forma melhor às tarefas, pois, possuindo maior grau de força e em muitos casos uma melhor habilidade, conseguiam executar as atividades com maior facilidade e precisão. O que para a competição existente no modelo esportivo é um sucesso.

O grupo feminino, por sua vez, preferiu atividades predominantemente recreativas, com um gasto energético bastante menor, em relação ao grupo masculino. A atividade realizada pelas meninas, geralmente foi um resgate das brincadeiras de rua. Este fato pode ser um indicador da cultura popular se manifestando dentro do espaço escolar, da falta de atenção do professor aos interesses das alunas, ou então, a falta de alternativa de movimentos transmitida pelo professor.

Ocorreram algumas poucas reclamações, e atitudes de não obediência às ordens do professor. Estas, quando ocorriam não tinham aparentemente uma conotação de organização do grupo, para reivindicação de algo. Eram manifestações isoladas solicitando uma atividade mais prazerosa, sem tanta rigidez, ou então uma tentativa de fuga de uma tarefa não gratificante para o aluno.

Quanto ao **conteúdo desenvolvido** - basicamente técnicas esportivas, não contribuiu aparentemente para uma organização das

relações entre o grupo, articulando possibilidades de desenvolvimento pessoal e social. Eram conteúdos, de modo geral, que se remetiam ao esporte competição formal, embora com características de execução e material muito rústicas e limitadas, sem possibilidade de demonstração dos gestos vistos pelos meios de comunicação, ou ainda, de movimentos considerados corretos do ponto de vista técnico.

Geralmente as manifestações no sentido de responder aos comandos dados pelo professor, eram tumultuadas, cheias de respostas dadas ao mesmo tempo, mas de formas diferentes. Somente quando a **ordem de silêncio vinha de modo rígido**, estabelecia-se uma certa organização do grupo. Passado o momento de rigidez, novamente o grupo se desorganizava e o trabalho para restaurar a ordem era muito grande, e o tempo gasto para isso, ocupava uma grande parte da aula.

As meninas continuaram com a necessidade de realizar suas atividades domésticas, auxiliando as mães que trabalhavam, e com isso diminuindo o interesse pela frequência às aulas. Também não foi observado em nenhum momento atitudes do professor em dialogar com elas, sobre essa realidade, ou ainda, de alguma atividade que viesse "compensar" o desgaste causado pela jornada de "dona de casa" exercida por elas. Se para as senhoras com mais idade, hoje em dia têm se recomendado, alguma atividade de "compensação" para aliviar o "stress" causado pelo excesso de trabalho doméstico, parece-me importante que a escola aproveite esse momento de iniciação aos trabalhos, e oriente sobre a necessidade dessa "compensação"; isso considerando uma proposta que viabilize uma educação para uma participação mais efetiva das mulheres numa perspectiva de emancipação.



Essa educação a que me refiro, no sentido de interação da educação com o meio ambiente, fora da escola, também não foi percebida, quando procurei verificar uma postura de melhor relacionamento entre os grupos mais velhos e mais novos. Interessante relatar que isso é muito mais marcante quando observado o sexo masculino. Para as meninas, o relacionamento se dava de maneira mais fácil, no que diz respeito a comunicação grupal. Imagino que uma proposta que buscasse tornar o relacionamento mais participativo, entre os mais jovens e os mais velhos, proporcionaria uma via mais adequada para o desenvolvimento humano e as relações sociais existentes na comunidade.

Parece-me que as atitudes tomadas na aula de Educação Física, bem como, o conteúdo desenvolvido nas aulas, não dão conta de promover o desenvolvimento da organização dos grupos. Ou ainda, verifica-se uma dificuldade de estruturação do relacionamento dos membros desses grupos, que não foi facilitada pelo desenrolar dos trabalhos. Mesmo quando houve uma maior organização, o que foi melhor percebido nas atividades espontâneas, nada me levou a acreditar, que isto tenha sido proporcionado pelos conteúdos trabalhados na aula de Educação Física. Foi sim, muito mais indicativo de uma organização vivenciada na comunidade. É como se a **cultura popular, pulasse o muro das escolas** e viesse participar das atividades desenvolvidas pelas crianças. Como muito bem disse, Freitag (1984)

" ... não são tanto os conteúdos curriculares oficialmente transmitidos pela escola e sim o convívio com os pares que se torna o fator decisivo para explicar a influência

extremamente favorável da escola sobre o desenvolvimento das estruturas de consciência de crianças das mais diferentes classes sociais".

Percebi, com isto, que a cultura popular invade o espaço da escola, porém, a escola não tem conseguido, pelo menos através da aula de Educação Física, transcender os seus muros e levar uma proposta para a comunidade, para que esta melhor se organize e passe a haver um maior relacionamento entre seus membros.

A distância das propostas com a realidade, foi extremamente grande, portanto, no meu entender, foi difícil a percepção das crianças no sentido de incorporação das atividades e transferência para as suas atividades cotidianas. Talvez isso pudesse ocorrer, com a discussão das tarefas e se seus objetivos fossem adequados à realidade da comunidade, ou ainda se a sensibilidade do professor fosse maior em perceber, que, em alguns momentos, atender as normas esportivas é menos importante, poderia dizer até mesmo inadequada, e que as necessidades pessoais, nessa realidade, ocupam um espaço maior para seus habitantes. Considero que se assim fosse, os conteúdos das aulas de Educação Física atrelados às demais disciplinas e, todas elas, buscando adequar-se à realidade da comunidade em que estão inseridas, haveria uma possibilidade de proporcionar uma maior contribuição para o desenvolvimento humano.

#### 2.2.4. PROMOÇÃO

O componente promoção é entendido por Carvalho (1978?), "*como resultado de toda a ação definida anteriormente*", assim, o professor "*poderá elaborar uma autêntica via participativa de todos os elementos do grupo, única forma, parece-nos de construir uma autêntica via emancipadora*". Temos, desse modo, um trabalho desenvolvido visando a construção de pessoas socialmente participantes, a partir de trabalhos que atendam às suas necessidades, motivando-as a rever sua realidade, podendo até transformá-la, se assim for necessário.

Proporcionaremos, dessa perspectiva, com esse trabalho, a reflexão sobre uma possibilidade de emancipação desses alunos, sabendo que não é somente a Educação Física a responsável por esse processo, porém, não deixando de assumir o seu papel na formação desses alunos no contexto escolar, bem como, na comunidade onde se encontram inseridas.

Passo agora a descrever as observações efetuadas nas escolas sob esse ponto de vista. O objetivo nessa descrição será o de globalizar os conteúdos, visando uma noção de totalidade, e não simplesmente descrever mera e simplesmente os fatos ocorridos. Isto por si só, já tem sido realizado em tantas outras publicações, e no meu modo de entender é necessário assumir uma postura perante essa problemática. Quero com isso contribuir para que a área Educação Física se posicione perante à sua comunidade, sabendo de suas limitações e, reconhecendo que não tornará nenhum membro da sociedade, uma pessoa feliz, simplesmente a partir dos seus conteúdos. Mas, reconhecendo também, o seu papel de agente promotor de desenvolvimento humano.

Durante a observação, constateei várias características do processo que está ocorrendo nas escolas da rede pública municipal de São Paulo, no

que se refere às aulas de Educação Física. Procurei nos itens anteriores descrevê-los e contestar em alguns momentos, essa realidade que aí está. Quero nesse ponto do trabalho, discutir esses conteúdos, baseado nas considerações anteriores, questionando a ***promoção do desenvolvimento humano***.

Tentarei fazer essa discussão analisando primeiramente a questão da forma com que a Educação Física tem se posicionado na escola. Posteriormente, tentarei discutir as questões referentes ao conteúdo.

O ***horário das aulas*** novamente vêm à tona; entendo que, por ele ser diferente das outras disciplinas da grade curricular, contribui muito mais para um afastamento da visão que os conteúdos podem estar próximos, do que de uma aproximação entre os conhecimentos, e até mesmo as pessoas. Assim, dificilmente o aluno consegue perceber, nos conteúdos desenvolvidos pelo professor de Educação Física, na quadra, ou em qualquer outra dependência da escola, relação com as demais disciplinas vividas em sala de aula. Isso implica numa atividade dentro da escola, totalmente desvinculada do processo ensino-aprendizagem, passando a ocupar, na maioria dos casos, um espaço físico fora da escola, sendo vista apenas como um processo de treinamento, iniciação esportiva ou "tranquilizante", sem importância no cenário escolar.

Quando ocorre a ***divisão das turmas por sexo***, de alguma maneira impede o relacionamento entre meninos e meninas, e no futuro poderá representar homens e mulheres distantes da possibilidade de trabalhar em cooperação para a construção de uma sociedade mais adequada às suas necessidades. A menina fica, muitas vezes, discriminada pela sua menor força e habilidade, e por outro lado o menino, sendo estimulado a realizar atos representativos de proeza, conseguindo um gol maravilhoso, ou ainda

uma jogada espetacular. Parece-me uma fábrica de sonhos, que no futuro poderá significar pessoas frustradas por não terem conseguido realizá-los, e assim, nunca mais desejar que isso faça parte da sua realidade, assumindo o sedentarismo como opção de vida.

Os grupos se apresentaram muito heterogêneos, dificultando o relacionamento entre seus membros, causando dificuldades para o desenvolvimento das atividades propostas. Isso ocorreu muito devido a solicitação de resultados, e assim, quem é mais velho entende mais rapidamente e responde de uma maneira melhor elaborada. Além disso, para a melhor performance, um organismo mais maduro responde de forma mais pronta, e aí ocorre o desestímulo daqueles menos maduros e conseqüentemente a desistência da participação. Este fato parece ser um desafio aos professores que continuam trabalhando numa visão esportiva. Como desenvolver conteúdos esportivos, numa realidade precária, com conteúdos baseados na teoria do treinamento esportivo de alta competição, ou seleção de talentos esportivos? Talvez lembrar a Teoria da "Seleção Natural" seja aqui pertinente, uma vez que o observado nesse caso foi que os mais fortes/habilidosos sobreviveram, ou ainda, os mais fortes participaram das atividades de fato. Porém, em alguns casos observados, a carência das crianças era tão grande, que a "seleção natural" está agindo muito mais no nível de sobrevivência, do que mesmo de detecção de talento, porque a fome e os sinais de subnutrição estão batendo à porta. E o professor de Educação Física, infelizmente, não consegue, em muitos casos, se dar conta disso e alterar sua estratégia de trabalho.

O **controle de presença dos alunos** foi algo que ainda não comentei, talvez até porque não o considere fundamental, dentre todos os outros pontos aqui referidos. Porém, na condição de identificação dos alunos

e posterior reconhecimento, considero como uma via eficaz. Como a presença não era algo controlado, essa identificação não ocorreu, e portanto, o nome das crianças não era conhecido. Assim, esse fato me remete a algo que considero muito importante: o reconhecimento das pessoas não sendo feito pelo nome, ou por alguma característica que ela traz consigo, proporciona a possibilidade dela passar a ser considerada apenas como mais um, dentre tantos outros. E a linha de produção continua a rotular garrafas, a montar carros e dar aulas.

Ainda considerando aspectos referentes ao desenrolar das aulas, vale lembrar aqui o ***não cumprimento do horário das aulas*** por parte do professor, ou ainda os dias em que mesmo presente, o envolvimento com a aula era nenhum.

Quanto ao ***material disponível para as aulas***, novamente se repete alguns aspectos já apresentados e analisados. De modo geral eles se apresentaram voltados para a área esportiva. E outro ponto a ser considerado é que o tamanho dos materiais é construído para pessoas adultas, o que traz maiores dificuldades para as crianças, no que diz respeito a responder às atividades propostas. Com isso quero me referir à necessidade de adaptações das atividades às características das crianças, e não ao contrário, que de modo geral é o que acontece: a criança forçosamente se "adapta" às regras do adulto. Isso não pode ser considerado uma proposta emancipadora, visando um melhor desenvolvimento humano, mas sim, trabalhar numa atitude de reprodução do modelo adulto, diminuindo as possibilidades de criação da cultura da criança.

Vejamos algumas considerações a respeito do conteúdo, numa perspectiva de promoção de vias emancipatórias dos elementos de um grupo.

Os fatos que mais chamaram a atenção foram, o esporte formal na escola, o comando como única forma de se dirigir aos alunos, falta de clareza nos objetivos e tarefas propostas.

No meu entender, há necessidade de se reestruturar os conteúdos da aula de Educação Física; não creio que eliminar o esporte seja a solução. Mas trabalhar numa visão de crítica à institucionalização do esporte na escola, visando a valorização do jogo, onde haja uma adaptação dos esportes para a realidade escolar, podendo contribuir na direção do desenvolvimento humano. Entretanto, não ficar restrito a ele, ou seja, desenvolver junto com os alunos alternativas de atividades, onde eles possam reconstruir sua própria realidade, e se sentirem parte integrante do processo.

Juntamente com essas adaptações e alternativas, encontrar outras vias de relacionamento com os alunos. Verifiquei que as palavras ditas pelo professor, quando não eram ordens de comando, transformavam-se em apitos ou "broncas".

Não foi possível constatar um diálogo com objetivos claros em proporcionar às crianças maior entendimento das propostas de trabalho. Não houve sequer variação das estratégias ou formas de condução das aulas, sempre girando em torno do comando, sem proporcionar estímulos diferentes para contribuir com a formação dos alunos.

#### 2.2.5. COTEJANDO O DISCURSO E A AÇÃO

Levando em consideração todos os pontos até aqui apresentados, parece-me pertinente tomar um posicionamento em relação à essa área de atuação profissional, a Educação Física, na escola, junto a crianças das primeiras séries do primeiro grau (ciclo básico).

O observado foi a existência de incoerências entre o depoimento e a aplicação dos conhecimentos, ou seja, a experiência vivida não condiz com aquilo que o profissional relata sobre seu trabalho. O depoimento vai de encontro a uma metodologia de trabalho "progressista", com uma postura transformadora de educação; porém, a observação da realidade do cotidiano escolar dá garantias de que isto não ocorre. As observações indicam numa direção de pouco relacionamento entre professores e alunos, além de apontar para conteúdos e métodos de ensino restritos, dando poucas opções de vivências às crianças, conseqüentemente, ***colocando o aspecto lúdico das atividades e o prazer em realizá-las, do lado de fora dos muros escolares, ou então na ausência do professor.***

O que ainda me preocupa mais (pensando que enquanto agente estranho, de alguma maneira, enquanto havia a observação, suponho que o pesquisador interfira na dinâmica das relações e no desenvolvimento dos trabalhos), é que quando não há presença de pessoas estranhas ao meio, essa realidade se torne ainda mais caótica. Caso isso realmente seja verdade, acredito que urge uma reformulação geral, total e irrestrita do papel, tanto de professores como de conteúdo da Educação Física, o que nos remete a formação profissional da área, mas isso já será outro assunto, embora esteja sendo objeto de diversos estudiosos como, Betti, 1987 e



1991; Oliveira, 1988; Renson, 1989; Teixeira, 1993; Faria Jr., 1992, entre outros.

Enquanto finalização da parte de descrição dos resultados, gostaria de registrar que as observações corroboram com a literatura, o que me dá mais forças para argumentar que, por incrível que pareça, quem vê a realidade de uma escola, vê a realidade de grande parte das escolas desse país. E mais, Costello e Laubach, Cumming, Verabioff, Shephard et al., Goode et al. e Soares et al., citados por Mota (1992), também descrevem que ao nível internacional a Educação Física na escola, têm diminuído no que se refere ao movimento, tanto qualitativamente como quantitativamente, à índices que variam de 24% à 90% de inatividade.

Desse modo, parece não estar ocorrendo um trabalho numa perspectiva da linha pedagógica "progressista" de Educação Física, e pode ser que o grande momento para a manifestação do componente lúdico da cultura, esteja sendo justamente o momento da ausência, pois é, quando o professor está ausente que ele se manifesta com força, através das brincadeiras populares.

Encerro aqui esse momento de descrição, mas não quero fazer desse trabalho apenas um espaço para apontamentos dos problemas e críticas. Quero sim, que ele possua os dois momentos da reflexão. O primeiro, onde são apontados os problemas e detectados os pontos negativos, e o segundo, onde se aponte caminhos que podem ser trilhados. Com certeza nesse apontamento de diretrizes, estarei errando, como tantos outros também já o fizeram. Porém, acredito ser necessário colocar os pontos referentes à forma e conteúdo da aula de Educação Física Escolar que defendo, para que outras pessoas, avaliem sua veracidade e se

possível os considere para propor teorias muito melhor elaboradas, que não fiquem só no nível do discurso vago.

Passo a partir da próxima parte do trabalho a colocar meu posicionamento sobre o como acredito deva caminhar a relação professor, aluno, conteúdo e contexto escolar. Espero que seja visto como uma elaboração de "Práxis", onde não esteja presente a dicotomia teoria/prática.

### 3. UM CAMINHO A SER PERCORRIDO

Quando iniciei essa pesquisa, tinha como objetivo verificar como a Educação Física Escolar se encontrava nos dias de hoje. Juntamente com a verificação, também, pretendi analisar as relações dessa área com o componente lúdico da cultura das crianças. No desenvolvimento dos trabalhos, comecei a verificar que, outros pesquisadores já haviam estudado essa mesma realidade, e chegaram a triste conclusão de que a Educação Física Escolar se encontra "doente".

A partir disso, pensei qual relevância poderia ter essa pesquisa, se trilhasse o mesmo caminho dos demais trabalhos? Passei então, a pensar o que poderia contribuir com a área. Conversando com o professor orientador, discuti esse ponto e, ele me fez ver, que a minha visão sobre o problema também era importante. Foi o que procurei fazer até esse momento, colocando nas palavras do texto a minha visão sobre a questão da Educação Física Escolar.

Porém, parece-me necessário que os profissionais pesquisadores da área, assumam uma postura, dando conta de sua visão sobre a possibilidade de um melhor futuro para a Educação Física. Passarei então, a apresentar minha visão, assumindo uma posição referente aos conteúdos e formas das aulas de Educação Física, numa perspectiva de integração dessa área com as demais disciplinas escolares, propondo um trabalho que almeje o desenvolvimento humano dos alunos.

A proposta de Marcellino (1990), em *Pedagogia da animação*, é de *"contribuir para a elevação do senso comum, numa perspectiva de transformação da realidade social, sempre em conexão com outras esferas de atuação política"*. Isto significa que pretendo trazer à discussão conteúdos que envolvem as pessoas no decorrer de sua vida concreta.

Procurarei aqui desenvolver um raciocínio que leve o leitor a considerar a interação dos fatores internos e externos do ser humano. Não da perspectiva do ecletismo, mas sim, de considerar que somos frutos da relação desses fatores. E que somente é possível desenvolver um trabalho que se remeta às pessoas, se conhecermos as interfaces da questão, e aprofundarmos a discussão sobre determinado ponto.

Sendo assim, apresentarei pontos que sustentam a eleição do período da infância, como próprio para a iniciação dos trabalhos, tanto do ponto de vista interno, como externo, e posteriormente passo a me dedicar, à discussão dos conteúdos, que podem estar vinculados as aulas de Educação Física no contexto escolar, preocupando-me fundamentalmente com o Desenvolvimento Humano, tendo como via de acesso o Lazer, onde seu componente lúdico é fundamental e possível de manifestação, apesar de todas as barreiras que se manifestam, na sociedade contemporânea. Assim talvez seja, possível que a Educação Física possa desenvolver um trabalho, como meio de desenvolvimento da cultura popular, contribuindo efetivamente para a emancipação das pessoas.

Enfim, quero aqui, mostrar minha identificação com as palavras de Freire (1991), para manifestar meu pensamento sobre a possibilidade que vislumbro para a Educação Física, valorizando-a nos seus aspectos internos e externos, ou sensível e inteligível. Dessa forma, não privilegiar isto ou aquilo, mas sim, perceber todo o universo a ser desenvolvido, nas palavras do autor

"... Meu caminho me deveria levar a um país habitado por muitos cidadãos, uns chamados mãos, outros chamados corações, outros

cérebros. Aqui o território do espírito, alí o território dos sentimentos, acolá o território da motricidade. Um país onde se veriam os sentimentos na casa da inteligência, ou a motricidade na casa do espírito. Cidadãos trabalhando juntos, produzindo juntos. O coração pedindo emprestado ao cérebro, as mãos pedindo emprestado aos ouvidos. Eu queria que meus pés me levassem a um lugar onde o sensível nem sequer seria concebido sem a existência do inteligível; onde o inteligível nem fosse falado, muito menos ouvido, não fora pela presença do sensível. As mãos produzindo abrires e fechares. O cérebro produzindo imagens. As mãos e o cérebro se juntando para produzirem pegares".

E, somado a toda essa riqueza do humano, ter como possível a utilização do componente lúdico do movimento humano. É dessa perspectiva que pretendo discutir, um caminho para viabilizar a aplicação da Educação Física à formação das pessoas, e de sermos capazes, como afirma Carvalho (1978?), de propor conteúdos inteligíveis aos nossos alunos,

proporcionando a eles uma elevação da sua condição de reflexão sobre os fatos da realidade.

Pretendo discutir o conteúdo da Educação Física, aqui entendida como, área do Movimento Humano, onde as atividades são meios para o desenvolvimento das potencialidades herdadas (fatores internos), somados aos fatores do meio ambiente em que se vive (fatores externos), apoiando-me para tanto em autores como Tanner, Malina, Bouchard, Carvalho e Perroti.

Primeiramente abordo a questão do conteúdo, preocupado em delimitar qual o período mais importante da fase da vida, para iniciarmos os trabalhos. Posteriormente me limito a discussão dos conteúdos da Educação Física.

Tomando como base o período da infância, que para Malina (1991), é dividido em: primeira infância (1 a 6 anos), e segunda infância (7 a 12 anos), e também considerando que nessa época experiências são armazenadas e carregadas para toda a vida, quais são os argumentos para se trabalhar o movimento nessa faixa etária?

Do ponto de vista interno, Tanner (1966,1979), indica um amadurecimento de 90 a 95% do Sistema Nervoso Central, até o sexto ano de vida. Isso pode significar para nós, indicação de uma condição favorável à aprendizagem, que será aqui considerada como marco importantíssimo para o estabelecimento de um processo ensino aprendizagem, ou seja, temos uma estrutura bastante amadurecida para receber estímulos e desenvolver-se plenamente.

Resgato, nesse momento, o processo de evolução humana, onde em algum lugar do passado, um membro de nossa espécie, passou a andar na posição bípede e isto trouxe para nós, ganhos fantásticos. Devido a esse

amadurecimento do sistema nervoso central, esse mesmo fato ocorre nos dias de hoje, onde a criança passa do engatinhar para o andar; com isso aumentando muito o número de estímulos para seu cérebro, passando a partir daí a ir ao encontro às coisas do mundo. Baseando-me em Lima (1990), isso pôde ocorrer porque aqueles estímulos que eram restritos ao raio da posição quadrúpede, passam a ser ilimitados quando ela se ergue; o horizonte é o fim da linha.

Contribui para essa importante fase a liberdade que os membros superiores adquirem a partir do andar; eles são os responsáveis pela comunicação do cérebro com o mundo. Imaginando esse universo é possível refletir sobre a riqueza desse momento da vida de uma criança. Muitas coisas ficarão gravadas na mente a partir de então.

Outras ocorrências internas importantes manifestam-se com os primeiros anos de vida. O aumento da altura, indica também o crescimento de partes do corpo humano, como os ossos, músculos, pulmões, coração e outros órgãos. Os sistemas aumentando de tamanho, proporcionam um maior potencial para a criança se movimentar pelo espaço e tempo, indo em busca do seu pleno desenvolvimento.

Quero com isso dizer que, independentemente do trabalho desenvolvido em qualquer área da aprendizagem, ou seja, independente de qualquer estímulo externo referente à educação, essas mudanças ocorrerão. Especificamente falando da Educação Física, quero lembrar que o movimento faz parte da vida das pessoas, e está presente desde os primeiros anos de vida da criança. Não só de modo formal como estamos acostumados a ver nos espaços reservados à prática de atividade física, mas na forma "natural" de caminhar, correr, saltar, rolar etc. As brincadeiras infantis, tão raras hoje em dia, são cheias desses movimentos.



A partir desses primeiros anos de vida, o organismo da criança passa a amadurecer a cada dia um pouco mais, tornando-a cada vez mais próxima da forma adulta. Focalizarei o ponto referente a infância, para situar o início do período dos trabalhos da Educação Física. Isto porque, hoje em dia, todos os meios de comunicação, bem como, órgãos responsáveis pelo bem estar das crianças reclamam da pouca possibilidade de movimento que a criança executa, talvez pelo fato do adulto furtar a possibilidade de espaços para ela se relacionar com o mundo.

Assim, as possibilidades de movimento que existem na área da Educação Física, se bem trabalhadas, são enormes e poderão com isso justificar sua importância, não só no espaço escolar, mas na vida das pessoas.

***A indicação dos fatores internos nesse trabalho não tem a pretensão de aprofundar a discussão, mas sim, de registrar a necessidade do professor de Educação Física conhecer a criança em todos seus aspectos, podendo dessa maneira estabelecer conteúdos que atendam à necessidade de seus alunos, no referente período da vida.*** Com isso poderemos caracterizar nossa ação como mais um estímulo externo, preocupado com o bem estar da criança e o desenvolvimento de suas características. Andrade (1993), já demonstra os níveis de amadurecimento infantil para agilidade, velocidade, força de membros inferiores, potência aeróbia entre outras variáveis, que devem ser trabalhadas nos primeiros anos de vida.

O movimento humano, numa primeira análise, deve ter como objetivo, auxiliar no desenvolvimento das potencialidade físicas herdadas do ser humano, que foram citadas acima, com o objetivo de dar conhecimento de que elas ocorrem e devem ser referenciadas. Nosso trabalho não irá

nesse caminho, pois pretendo agir em outro nível de análise e tomar essas informações como base de sustentação dos aspectos internos, para a partir disso estabelecer as estratégias de trabalho. Pretendo com isso priorizar o momento do cotidiano da Educação Física, porém não desprezar aspectos tão importantes que ocorrem com o ser humano, e que interferem diretamente na atividade que será desenvolvida nas escolas. Porque uma criança só poderá responder aos estímulos do meio ambiente, se nos primeiros anos de vida, obteve condições de aprimorar essas variáveis citadas anteriormente.

Utilizarei essas informações para tentar dar um salto em direção ao meu objetivo e não ficar limitado ao conhecimento de apenas uma parte do todo. Como se refere Carvalho (1978?),

"... Não basta elaborar e propor exercícios adequados à função que se pretende atingir e a aptidão que se pretende desenvolver".(...) "a relação do educador com a criança surgirá, assim, como uma dimensão fundamental do desenvolvimento individual, na medida em que determina a constante renovação dos estímulos e das experiências, tomando em consideração a limitação constituída pela complexa combinação do "meio" orgânico e do "meio" social, fonte inesgotável que alimenta a organização potencial das

necessidades do crescimento infantil...".

Adoto então, por um lado, os fatores internos já citados, e por outro, os fatores externos, a importância fundamental do aspecto lúdico, contracenando para um pleno desenvolvimento da criança; ou seja, é somente na medida em que houver equilíbrio na atribuição das prioridades a serem trabalhadas pela Educação Física (fatores internos e externos), que poderemos caminhar em direção ao objetivo proposto por este autor, o desenvolvimento humano.

**MAS, POR QUE O LÚDICO?** Tentarei recuperar essa questão dando conhecimento ao leitor de sua importância para este trabalho, indicando situações passadas que se repetem hoje em dia, tanto ao nível das pessoas adultas como também, para as crianças, independentemente de se referirem ao trabalho ou ao "tempo que se perde" em frente às televisões.

Embora divididos por vários segmentos (raça, religião, idade, sexo etc...) os indivíduos que trabalhavam, também se ocupavam com outras atividades. Surgiram desse modo, atitudes que buscaram resgatar o "tempo perdido". Começaram as atividades durante os períodos de não trabalho, que buscavam sensações como "algo para ser amado" e "algo para sentir-se livre". Conforme Friedmann (1983), descreveu, essas atividades surgiram em oposição ao trabalho numa perspectiva de lutar contra, recuperando as perdas sofridas.

Dentre as atividades, Riesman (1971) identificou na sociedade americana, uma quantidade grande de tempo gasto em frente à televisão, como também, muitas atividades de lazer procurando superar as questões do trabalho. Porém o autor compreendeu "que a carga lançada sobre o lazer, pela desintegração do trabalho é demasiado grande; o lazer em si não é

capaz de salvar o trabalho, mas fracassa juntamente com ele e só poderá ser significativo para a maioria dos homens, se o trabalho também o for".

Mesmo assim, nesse processo de busca, foram identificadas repressões aos grupos sociais, impossibilitados de ter acesso à recuperação do tempo "sofrido" com o trabalho, foram eles: as crianças, mulheres e negros, impedidos pelos pais, maridos e líderes raciais respectivamente.

Reverendo as mudanças sociais que foram ocorrendo, como também, as lutas para conquista do direito ao tempo de não trabalho, mas porém, identificando desde essa época o preconceito em relação a certos segmentos da sociedade, parece-me importante discutir o papel da recuperação do lúdico, junto às crianças. Faço tal colocação concordando com o pensamento de Friedman (1983)

"...É claro que a experiência da infância é um estágio dos mais importantes para a real habilitação do adulto ao divertimento", pois os homens não nascem iguais, tornam-se iguais quando perdem sua liberdade social e sua autonomia".

Com isso localizo a importância da questão do lúdico para a criança, que como para outros segmentos da sociedade, tem sido furtada da experiência de desfrutar da apropriação de sua cultura. Remeto-me a esse ponto com o objetivo de utilizar esse componente como uma das vias de acesso ao desenvolvimento humano.

Para isso lançarei mão novamente dos argumentos de Marcellino (1986), para quem, o espaço para a manifestação do elemento lúdico, significa poder ter direito a um tempo para si mesmo, que se contrapõe e

complementa o terreno das obrigações, para as crianças escolares e para algumas crianças menos favorecidas além das escolares, os profissionais:

"... Não se pode negar a importância do exercício do lazer, com suas características lúdicas, de jogo, de festa, como canal de informação, não somente no campo específico de suas atividades, mas também de uma perspectiva social mais ampla. As oportunidades de lazer constituem também oportunidades de informação e conseqüentemente podem contribuir para o exercício da cidadania. Isso, entretanto, não significa considerá-lo como substituto de outros canais de informação, como a Escola, por exemplo..."

E, dentro da escola, a Educação Física como um agente promotor do desenvolvimento humano.

Desse modo concordo com o autor e defendo que a Educação Física, proporcione um espaço para "defender a necessidade de se respeitar o direito à alegria, ao prazer, propiciados pelo componente lúdico da cultura, base de sustentação para a efetiva participação cultural crítica, criativa e transformadora. A própria atividade produtiva ganharia, assim, em sentido, ao permitir a leitura lúdica do mundo; e o prazer permearia a realidade".

Com isso pretendo dizer que o conteúdo da Educação Física deveria estar voltado ao desenvolvimento dessas questões, internas e externas, na

infância. Este é o período para se iniciar o projeto de cidadania, visando um adulto bem desenvolvido. Nesse sentido, as atividades serão meios para atingir esses objetivos. Até mesmo o esporte poderá ser objeto dessa ação. Porém defendo que não seja apenas o esporte a fazer isso, pois a Educação Física tem um universo enorme de opções para o movimento humano. E mais, o esporte da escola, adaptado às realidades das instituições escolares, como também às características orgânicas e sociais das crianças; sem ficar restrito a obedecer pura e simplesmente as normas das confederações esportivas.

Adoto desse modo, como conteúdo da área Educação Física Escolar, o Movimento Humano, trabalhado através de atividades com componentes lúdicos, visando o desenvolvimento humano, pensando na **pessoa** que é a **criança**, interagindo conteúdos vivenciados na quadra, com conteúdos das salas de aula. Assim penso numa Educação Física integrada com a educação, onde a criança utilize o corpo e o movimento deste corpo, para interagir com o mundo, e se ela puder fazer isto com maior desenvoltura, talvez possa aproveitar melhor a comunidade em que vive.

Procuro assim, aliar o conteúdo da proposta da Pedagogia da animação que é *"contribuir, no âmbito da educação, não para o entorpecimento, mas para acordar, e além disso, através dos estímulos variados, baseados na experiência lúdica, que continua a ser manifestada no lazer da criança, contribuir para que o corpo se rebele"*., onde a Educação Física seja considerada estímulo que lida fundamentalmente com o corpo e especificamente com o movimento desse corpo, possibilitando que ele se rebele com as imposições que os adultos fazem, tornando as crianças a cada dia menos capazes de se movimentar, principalmente pela falta de espaço para a sua manifestação.

Concordo, portanto com a postura de Carvalho (1978?) para qual o **professor de Educação Física deve ser um animador sócio-cultural** buscando *"catalisar o processo de comunicação entre os indivíduos e os grupos, permitir a livre expressão das necessidades individuais e coletivas, única forma de garantir o desenvolvimento individual e o da comunidade"*.

Assim o professor de Educação Física terá como conteúdo objetivo para fundamentação da proposta de trabalho da área, diferentes formas de movimento, proporcionando um canal de animação (nova alma, através do componente lúdico da cultura da criança), para a participação do aluno no contexto educacional, num primeiro momento, e num segundo momento perante a sociedade/comunidade.

A forma como esse conteúdo poderá ser trabalhado, será vista aqui, não como as estratégias propriamente ditas, pois não pretendo ter no corpo desse trabalho um receituário de atividades, mas sim, qual o caminho que, em minha opinião, será capaz de viabilizar a realização desse projeto.

Para tanto utilizarei a proposta da "Educação progressista", apresentada por Silva (1986), baseada em Georges Snyders, onde a educação é vista como

"estabelecimento de relação com modelos, mas modelos que digam respeito ao nosso mundo, que estejam em contato direto com o mundo da criança. E que as atitudes de participação ativa introduzam vivacidade e dinamismo precisamente nessa relação com os modelos".

Com isso quero dizer que há necessidade da educação física propor atividades que tenham ressonância na alma das crianças.

Dessa maneira, a participação poderá alcançar índices altos e, não serão desenvolvidas apenas atividades estereotipadas, baseadas em manuais ou elaboradas a partir de outras realidades. Que seja feita uma discussão sobre o que será trabalhado juntamente com as crianças, porque o significado de uma atividade numa região é um, e em outra região poderá não significar a mesma coisa. Não podemos uniformizar qualquer esporte ou atividade para o país inteiro, pois desse modo estaremos nos esquecendo das características de cada região. Exemplo disso é que, numa região do país, o Bumba-Meu-Boi tem um significado sócio-cultural e, numa outra região, a caracterização desse mesmo animal poderá ter uma conotação totalmente diferente, e embora se trate do mesmo animal "Boi", representam, para suas populações, situações diferentes e que devem ser respeitadas, assim como a cultura das crianças dessas diferentes regiões.

Nesse ponto, lembro-me novamente do depoimento de um dos professores "a teoria vista na faculdade, não tem nada a ver com a realidade, a teoria na prática é outra". Quero aqui manifestar minha indignação a afirmações como estas, pois cada teoria tem uma realidade onde é melhor aplicada. ***Se o profissional se sustenta numa teoria de alto rendimento esportivo e vai para a periferia desenvolver seu trabalho, dificilmente a teoria se aplicará aquela realidade.***

Porém, provavelmente não foi só com o modelo de treinamento esportivo que este "professor" teve contato. Embora haja maior predominância desse modelo, cabe ao profissional pesquisar qual é a sua realidade, qual o estímulo mais adequado à comunidade e, aí sim, aplicar o



programa de trabalho, e mesmo assim, reavalia-lo constantemente, para acompanhar a adequação da proposta.

Cabe aqui lembrar, a sobrecarga que o professor possui, dando um número muito grande de aulas, sem tempo para prepará-las, e ainda com um deslocamento de escola para escola, Marcellino (1990) refere-se a esse aspecto da seguinte maneira,

"Mas, o problema da competência técnica é apenas um, entre vários aspectos a se levar em conta. Outro deles é a sobrecarga de trabalho desses professores, que na verdade atinge toda a classe, mas que, com relação à Educação Física e Artística é ainda mais agravada, uma vez que, normalmente são obrigados, devida a pouca frequência de aulas dessas disciplinas nos currículos semanais, a ministrar aulas em muitas escolas, acrescentando ao tempo de trabalho na sala de aula o das locomoções constantes, fato que dificulta uma ligação mais estreita com as comunidades onde se localiza, as escolas, ligação essa que deveria dar os elementos embaixadores dos próprios conteúdos a serem desenvolvidos nas suas disciplinas".

Desse modo não haveria a necessidade da imposição sem questionamentos, do autoritarismo. Trabalharíamos numa perspectiva de autoridade, baseada no conhecimento dos conteúdos a serem desenvolvidos, no conhecimento de estratégias e clareza na exposição dos objetivos propostos. Como diz Silva (1986)

"Compreende-se, a partir desses pressupostos fundamentais, a força que a autoridade (não o autoritarismo) e a disciplina irão assumir nessa proposta educativa centrada no valor do trabalho e na importância e predominância do coletivo sobre o individual".

Na proposta "progressista" o processo é valorizado, como também o são, professores e alunos. A autora nos apresenta a visão do professor, do aluno, da escola e do contexto social, indicando que cada um desses componentes deverão ser levados em consideração e mais, trabalharem em conjunto para um pleno desenvolvimento da educação. Ela considera como pontos fundamentais para a captação e entendimento das bases axiológicas dessa proposta os seguintes itens:

- valorização de conteúdos e modelos educativos atualizados, diretamente relacionados ao mundo do aluno;
- valorização das atitudes de participação ativa do educando;
- valorização do homem concreto, síntese de múltiplas determinações e conjunto de relações sociais, cidadão de seu país e do mundo, construtor da sociedade e da história;
- valorização do "presente" como fonte de valores;

- valorização do aluno, portanto , enquanto sujeito enraizado sócio-historica e politicamente no presente;
- valorização da disciplina como conjunto de resultados educativos e do aluno auto disciplinado que envolve e canaliza energia e meios disponíveis para o alcance de resultados satisfatórios;
- **valorização do jogo** como meio de preparação para a vida do trabalho;
- valorização do professor enquanto guia-orientador do educando e do processo educativo, **não se opondo à alegria, desejos e vivacidade do aluno**, trabalha no presente essas realidades interacionais do educando, orientado-as em direção ao futuro;
- valorização da escola como agência difusora de conteúdos vivos, concretos, indissociáveis das realidades sociais, enquanto espaço específico em que se dará a apropriação/desapropriação/reapropriação do saber;
- valorização prioritária do social, do coletivo sobre o individual;
- valorização de uma relação "educação-sociedade" crítica, porque situada e contextualizada histórica e politicamente, porque a educação e seus métodos têm como ponto de partida e de chegada "a prática social";
- valorização, em suma, da educação integrada ao processo sócio-político-econômico global, fundada em valores sociais-coletivos, historicamente significativos - e de que se repense, sempre e ao mesmo tempo, a educação, a sociedade e os valores em que estão fundamentados;
- valorização do trabalho humano como categoria universal que reflete as condições sociais da existência humana, sendo, em última análise, o núcleo gerador de todos os valores da coletividade.

Sendo assim, adoto uma posição de que para a área de Educação Física Escolar, os conteúdos a serem desenvolvidos, tenham por base a

interação dos fatores internos e externos, trabalhados sob uma perspectiva de recuperação do aspecto lúdico da cultura, principalmente a cultura da criança. No contexto da escola, o professor deverá estar assumindo uma postura "progressista", porém **não só aparentemente, mas sim, fundamentalmente, radicalmente, ou seja, indo até as raízes da questão, sem perder a noção da totalidade.** Conhecendo os pressupostos da proposta, percebendo a importância da vinculação dos conteúdos da área, com a realidade em que se trabalha.

Ainda mais, interagir os conteúdos da área Educação Física, com as disciplinas escolares vivenciadas pelo aluno, tornando possível dessa maneira a visualização da aplicação dos vários conhecimentos, discutidos dentro do meio escolar, na realidade de sua comunidade.

A forma de transmissão do conteúdo deve ser baseada no contato direto das atividades com a realidade das crianças, onde inclusive a participação delas se faça presente, nas escolhas e nas discussões sobre a importância dessa ou daquela atividade. Que haja disciplina, porque não proponho aqui a ausência de conteúdo e nem a omissão do papel que o professor representa, ele tem o seu papel, que deve ser orientar o processo, e sua pessoa será reconhecidamente importante na medida que ele dominar os conteúdos e a forma de transmissão dos conhecimentos, conquistando desse modo a autoridade e não impondo suas vontades através do autoritarismo.

Dessa maneira, caminharemos para uma interação das áreas, visando o mesmo objetivo que é o desenvolvimento humano, e, a Educação Física, através das técnicas/estratégias do movimento humano, contribuirá para esse desenvolvimento, possivelmente resgatando as características do jogo, onde existe participação, disciplina, mas que principalmente permite à

criança se expor ao mundo, criando sua própria cultura, através do componente lúdico, com possibilidade de acertos e erros, desenvolvendo seus potenciais bio-psicosociais. Não é um ecletismo, é sim um reconhecimento da diversidade do ser humano, trabalhando fundamentalmente o movimento do homem, através de técnicas específicas, numa perspectiva de proporcionar nova alma, dar ânima às crianças para que, desse modo, haja num futuro adultos melhor desenvolvidos. **E também que a própria vida da criança seja considerada não apenas como preparação, mas vivenciada com prazer e alegria.**

Assim, entendo que faz sentido pensarmos numa Educação Física atual, participante e consciente de seu papel na sociedade, valorizando, desse modo, o profissional, o aluno, a instituição e a comunidade em que está inserida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar.** São Paulo : Cortez, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Estórias de quem gosta de ensinar.** São Paulo : Cortez, 1988.
- ANDRADE, Douglas Roque et al. Modelo biológico para diagnóstico de salud y prescripción de actividad física. **Archivos de Medicina del Deport**, v.10, n. 37, p. 35-48, 1993.
- BETTI, Mauro. Como impedir o desenvolvimento da Educação Física enquanto ciência ou a ciencideologia da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 8 (2 e 3):155-158, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Educação Física e sociedade.** São Paulo : Movimento, 1991.
- BOMTEMPO, Edda. **Psicologia do brinquedo: aspectos teóricos e metodológicos.** São Paulo : Nova Stella/EDUSP, 1986.
- BOCHNIAK, Regina. **Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola e fora dela.** São Paulo : Loyola, 1992.
- BRUHNS, Heloisa. **A dinâmica lúdica.** Campinas, 1989, 132 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, UNICAMP, 1989.
- BRUYNE, Paul et al. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da prática metodológica.** Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1977.
- CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado.** Lisboa : Edições 70, 1988.
- CAMPON, F et al. **Comment Faire ? ... l'éducation physique avec les enfants de 4 à 7 ans.** Paris : F. Nathan, 1966.
- CARVALHO, Alfredo Melo de. **Cultura física e desenvolvimento.** Lisboa : Compendium, 1978?.

- CAVALCANTI, Kátia Brandão. Lazer e atividade física comunitária: uma perspectiva de autogestão social. In: PASSOS, Solange (Org.) **Educação Física e esportes na universidade.** Brasília : MEC/SEED/UnB.
- DUMAZEIDER, Joffre. **A revolução cultural e o lazer nos centros urbanos:** o caso específico dos países desenvolvimento.
- \_\_\_\_\_. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo : Perspectiva/SESC, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Valores e conteúdos culturais do lazer.** São Paulo : SESC, 1980.
- ECO, Umberto. **Sobre os espelhos e outros ensaios.** 2 ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1989.
- FREIRE, João Batista. **De corpo e alma:** o discurso da motricidade. São Paulo : Summus, 1991.
- FREITAG, Barbara. **Sociedade e consciência** um estudo piagetiano na favela e na escola. São Paulo : Cortez/A. Associados, 1984.
- FRIEDMANN, Georges. **O trabalho em migalhas:** especialização e lazeres. São Paulo : Perspectivas, 1983.
- GEBARA, Ademir. Educação Física e esportes no Brasil : perspectivas (na história) para o século XXI. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org.). **Educação Física & Esportes:** perspectivas para o século XXI. Campinas : Papyrus, 1992.
- HARRISON, G. A. **Biologia humana:** introdução a evolução, variação e crescimento humanos. São Paulo : Cia Ed. Nacional/Ed. da USP, 1971
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens:** o jogo como elemento da cultura. São Paulo : Perspectiva, 1971.



- JENSEN, A. E. **Mito e culto entre pueblos primitivos**. México : Fondo de Cultura Econômica, 1966.
- LAFARGUE, Paul. **O direiro à preguiça**. Lisboa : Estampa, 1977.
- LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo : Atlas, 1987.
- LARROYO, F. **História geral da pedagogia**. São Paulo : Mestre Jou, 1980. v. 2.
- LIMA, C.P. **Evolução biológica**. São Paulo : Ática, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Evolução humana**. São Paulo : Ática, 1990.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo : Brasiliense, 1984.
- MALINA, Robert. M. El estado de madurez biológica en los jóvenes deportistas. **Stadium**, v. 23, n. 134, p. 23-30, 1989.
- \_\_\_\_\_. et al. Age at menarche, family size, and birth order in athletes at the Montreal Olympic Games, 1976. **Medicine and Science in Sports**. v. 11, n. 4, p. 354-58, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Growth, maturation, and physical activity**. Champaign : Human Kinetics, 1991.
- MANOEL, E. J. **Educação Física como uma ciência da vida**. Semana de Educação Física da Universidade São Judas Tadeu, 2., São Paulo : Univ. São Judas Tadeu, 1994. (no prelo).
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. A educação pelo movimento na educação para o movimento. In: OLIVEIRA, Vitor Marinho de (Org.). **Fundamentos pedagógicos: Educação Física**. Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico, 1987.
- \_\_\_\_\_. Interesses físicos no lazer: o querer e o fazer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 4, n. 04, 1990.

- MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer : animação e participação cultural. **Comunicarte**, Campinas, v. 4 , n. 8, p. 61-68, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Lazer e educação**. Campinas : Papyrus, 1987.
- \_\_\_\_\_. Lúdico : a busca da possibilidade ausente. In: MORAES, Regis de. (Org.). **Filosofia, educação e sociedade** : ensaios filosóficos. Campinas : Papyrus, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da animação**. Campinas : Papyrus, 1990.
- \_\_\_\_\_. A sala de aula como espaço para o "jogo do saber". In: MORAES, Regis de (Org.). **A sala de aula: que espaço é esse?** 3. ed. Campinas : Papyrus, 1988.
- MEDINA, João Paulo Subirá. Reflexões sobre a fragmentação do saber esportivo. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org.). **Educação Física & esportes**: perspectivas para o século XXI. Campinas : Papyrus, 1992.
- MILLS, Charles Wright. **A nova classe média**. Rio de Janeiro : Zahar, 1969.
- MORAIS, Regis de. Entre a jaula de aula e o picadeiro de aula. In: \_\_\_\_\_. **A sala de aula: que espaço é esse?** 3. ed. Campinas : Papyrus, 1988.
- MOREIRA, Wagner Wey. **Educação física escolar**: uma abordagem fenomenológica. 2. ed. Campinas : Ed. da UNICAMP, 1992.
- MOTA, Jorge. **Educação e Saúde**: contribuição da Educação Física. Lisboa : Camara Mun. Oeiras/Div. Cult. Desp. Tur./Serv. Mun. Desp., 1992.
- MÜTSCHLE, Marly Santos et al. **Oficinas pedagógicas** : a arte e a magia do fazer na escola. São Paulo : Loyola, 1992.
- OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de et al. **Educação Física e o ensino de 1º grau**: uma abordagem crítica. São Paulo : EPU/EDUSP, 1988.

- OLIVEIRA, Paulo de Salles. Tempo livre, trabalho e lutas sociais. **Reflexões**, Campinas, v. 11, n. 35, p. 7-14, 1986.
- PARKER, Stanley. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.
- PENCHASZADEH, V. B. Condicionantes básicos para el crecimiento : uma larga polemica, herencia o ambiente. In: CUSMINSKY, Marcos. (Org.). **Crecimiento y desarrollo hechos y tendencias**. Washington : Organizacion Panamericana de La Salud, 1988.
- PERROTTI, Edmir. A criança e a produção cultural. In: LIBERMAN, R. (Org.). **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1982.
- PICKARD, Phyllis Marguerite. **A criança aprende brincando**. São Paulo : IBRASA, 1975.
- RAMOS, E. M. F. **Brinquedos e jogos no ensino de física**. São Paulo, 1990. Dissertação (Mestrado em Física) - Instituto de Física, USP, 1990.
- RAMOS, Miriam Paschoal. **Educação Física escolar: o lado oculto das ausências às aulas**. Campinas, 1992. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1992.
- RENSON, R. From Physical Education to kinantropology: a quest for Academic and Professional Identity. **Quest**, v. 41, p. 235-56, 1989.
- REQUIXA, Renato. **El centro de estudios del ocio**. Congresso Mundial de Sociologia, 1982 - México. (xérox).
- RIBEIRO Jr., Jorge Claudio Noel. **A festa do povo : pedagogia de resistência**. Petrópolis : Vozes, 1982.
- RIESMAN, David. **A multidão solitária**. São Paulo : Perspectiva, 1971.
- SAVIANI, Demerval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo : Cortez /A. Associados, 1980.

- SAVIANI, Demerval. Tendências correntes da educação brasileira. In: MENDES, Dumerval Trigueirinho (Coord.). **Filosofia da educação brasileira**. 4. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1991.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 18. ed. São Paulo : Cortez, 1992.
- SILVA, Sonia Aparecida Ignacio. **Valores em educação** : o problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa. Petrópolis : Vozes, 1986.
- TANI, Go et al. **Educação física escolar**: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo : EPU, 1988.
- TANNER, James Mourilyan. **Educacion y desarrollo físico**. México : Siglo XXI, 1966.
- \_\_\_\_\_. **Foetus into man** : physical growth from conception to maturity. Cambridge : Harvard Univ., 1979.
- TEIXEIRA, L. A. Estudo da motricidade humana como fonte de ordem para um tema científico, uma profissão, e um componente do currículo escolar. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 7, n. 1 p. 77-91, jan./jul., 1993.
- VEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa**. São Paulo : Pioneira, 1965.

ANEXOS

## SÍNTESE DAS OBSERVAÇÕES

- As aulas de Educação Física foram colocadas pelo professor em horário diferente das aulas da grade curricular "formal". O espaço físico da escola pareceu-me bom, porém, a quadra (espaço utilizado pelo professor de Educação Física) fica do lado externo, sendo que, para chegarmos a esse espaço foi necessário sair da escola e pela rua ter acesso a quadra.

- De modo geral os alunos já estavam na quadra brincando de futebol, as alunas aguardavam sem grandes atividades. A divisão da turma foi realizada da seguinte maneira:

1) Os meninos foram orientados para se retirarem da quadra (fato este que não aconteceu imediatamente e, quando ocorreu foi parcial).

2) O Professor apresentou-me como um professor que estava lá para trabalhar em conjunto, posteriormente disse que era para a realização de pesquisa e num terceiro momento disse aos alunos que eu poderia encaminhá-los para um clube, caso percebesse aptidão para algum esporte.

3) O início da aula para as meninas teve uma pequena corrida em torno da quadra e, logo em seguida foram distribuídas bolas de borracha (nas cores verde e marrom) para que elas fizessem deslocamentos na quadra e durante o movimento conduzissem a bola passando pelas costas, por sob a perna, batendo/quicando com a mão direita/esquerda, batendo fortemente a bola no chão e saltando para pegá-la, no final foi realizada uma coluna para arremesso na cesta de basquete.

- Nesse momento o número de meninos no interior do espaço fechado por telas, era superior ao número de meninas praticantes da aula. Os meninos brincavam de chutar bola ou conversavam sobre futebol.

- A estrutura física da quadra era muito precária, e não havia trave para goleiro; a cesta de basquete só tinha de um lado da quadra e havia um cheiro forte de fezes no ar.

- Quando terminou o processo descrito acima, as alunas e professor concordaram em iniciar a brincadeira de "queimada". Houve divisão, mas em questão de motivação não percebeu-se melhora.

- Observei também a grande diferença de idade e tamanho das meninas e meninos numa mesma série. Garotas com idade entre 13 e 14 anos convivendo com garotas de 9 e 10 anos. Conversando com uma garota de 11 anos, ouvi dela que logo após a aula, iria para casa terminar as atividades domésticas, outra garota relatou seus afazeres domésticos (lavar, passar, limpar e cozinhar), ela fazia de tudo.

- Terminada essa parte da aula, digo parte porque ela é dividida entre meninos e meninas, um garota com idade e tamanho maior que a média, entregou para o professor uma carta.

Nela a garota se declarava apaixonada pelo professor e dizia sonhar estar junto dele, chegando a citar que para provar o seu amor era capaz de se "entregar" a ele. Outro fato que me chamou a atenção, foi a quantidade de erros ortográficos, tornando difícil a leitura.

Imediatamente os garotos entraram na quadra e o professor iniciou a outra parte da aula, antes disso, ainda na parte das garotas, surgiu uma cadeira para eu ou alguém sentar. Com os garotos foi solicitado/mandado que corressem de uma ponta a outra da quadra, chegando ao ponto de criar competição para verificar quem chegava primeiro; também foi determinado que eles pulassem em um só pé. Alguns realizavam, outros começavam a se dispersar.

O professor tomou as bolas e fez um processo semelhante às meninas, onde cada garoto procurava controlar melhor a bola.

- Aqui aconteceu que boa parte ficava sem atividade e, começaram a criar entre eles um outro jogo, ou até mesmo, a lutar de modo descontraído. Nesse momento o professor propôs outras atividades e os garotos muitas vezes não a realizavam. Não havia um controle, pois mais de uma vez o professor sentava na cadeira e quando algum aluno reclamava ele logo mudava a tarefa. Em alguns momentos conversamos sobre Educação Física, problemas sociais e políticos. Perguntei-lhe se não havia controle de presença e ele me respondeu que ainda não possuía o diário de classe.

- Durante a maior parte do tempo, os alunos ficaram sem assessoria e procuraram de alguma maneira compensar isso com outras atividades, criadas entre eles mesmos. Houve várias mudanças de postura do professor e percebi também que o vocabulário dos meninos era de poucos recursos, lançando mão de palavrões e "coros" das torcidas de futebol.

- Vale também lembrar a possibilidade de detectar traços de subnutrição, como também, havia no grupo um garoto portador de deficiência física, porém, junto com os outros realizava suas tarefas.

- Houve um jogo de futebol, onde o professor auxiliou na divisão dos times, 3 no total, e depois deu a bola para eles jogarem, voltando a sentar-se na cadeira.

Não havia um direcionamento qualquer do professor, e as regras eram ditadas pelos garotos mais espertos ou mais fortes. Nisso algumas meninas apareceram na quadra e ficaram por lá brincando de bola, em alguns momentos até junto com os garotos na quadra.

- O professor expressou verbalmente a indisposição em ministrar aula.

- O professor solicitou que duas ou mais garotas fossem até uma certa loja para encher a bola de vôlei, enquanto isso, ele iniciou a atividade do dia com os garotos. Para a brincadeira, dividiu os times e deixou a bola de futebol de salão para que eles jogassem. Fato curioso foi que tinham garotos não



matriculados na escola e outros de séries diferentes, fato que o professor não conseguiu identificar, mesmo assim o jogo teve sua continuidade.

- Os garotos se organizaram fato que já haviam ocorrido antes de iniciar a aula, e desenvolveram sua atividade. Um ponto destacável é a autoridade exercida pelos garotos mais velhos, sobre os mais novos, ditando regras e mantendo-se no jogo muito mais devido a essa autoridade do que realmente outro motivo qualquer;

- Durante o desenvolvimento dessa atividade o professor abandonou a quadra e foi até o pátio da escola, lá encontrou cinco garotas e deixou com elas a bola de volei, que ainda não tinha sido calibrada, para que elas jogassem entre si. Um ponto a ser comentado é o horário, não existe um limite para início ou final da aula, tudo acontece de modo muito informal.

- A coordenação da escola pediu ao professor para acertar o horário das aulas de educação física, pois o mesmo havia sido mudado e não houve comunicação.

- O professor adiantou-me que para as meninas não haveria aula, elas iriam jogar queimada, aula mesmo só para os meninos.

- O professor conversou com as alunas e, perguntou para elas, quais poderiam mudar o dia de aula. Tendo resolvido este problema, deixou uma bola de borracha com elas e pediu-lhes que se dividissem para jogar queimada no pátio da escola.

- Chamou os alunos para a quadra e pediu a um deles que ficasse no centro da quadra. Esse garoto teve a função de pegar outros alunos para auxiliá-lo na brincadeira, até que todos estivessem pegos. Isso aconteceu duas vezes com garotos diferentes iniciando a brincadeira, para quem observava parecia que a atividade era encarada com pequena satisfação.

- Posteriormente os alunos deveriam sair do fundo da quadra correndo e quando chegavam a outra linha de fundo, estes deveriam voltar de costas. A

mesma coisa foi repetida e logo depois, solicitado que eles fossem de costas e voltassem correndo.

- Nesse momento surgiu uma garota dizendo que não dava para elas brincarem no pátio por causa do pequeno espaço. O professor respondeu que procurassem encontrar uma saída, para lidar melhor com o espaço.

- Os garotos fizeram uma divisão em 3 equipes para disputa do jogo "Futebol de Salão", que aconteceu com duas partidas de mais ou menos 10 minutos.

- A professora estava com a sua turma, mais ou menos de 30 alunos (meninas e meninos) jogando queimada. Ela disse que foi solicitação dos alunos para que isso ocorresse, porque estava muito frio, mas a atividade que tem sido desenvolvida é o basquetebol.

- Todas as crianças usavam uniforme (agasalho) próprio para a aula de educação física, foi observado uma grande diferença na idade das crianças, ou seja o grupo apresentava crianças com diferenças de até 3 anos, todas trabalhando juntas.

- Quanto a queimada propriamente dita, observei uma predominância do sexo masculino na participação, talvez pela facilidade de jogar a bola, e/ou maior grau de força.

- A participação no jogo não foi da maioria, pois concentrava-se naqueles mais aptos, os outros moviam-se na quadra, porém sem participação efetiva. Houve algum momento onde as regras do jogo não ficaram claras e possibilitaram confusão entre as crianças. Algumas ficaram sentadas fora da quadra, outras faziam brincadeiras paralelas.

- A professora procurou organizar a turma e utilizou várias vezes o apito para se fazer ouvir.

- A atividade de queimada ocupou aproximadamente 90% da aula. A porcentagem restante foi ocupada com o primeiro ensaio da quadrilha. Nessa hora pude observar a dificuldade das crianças se relacionarem, pois as

meninas evitavam se relacionar com alguns meninos. Estes por sua vez selecionavam as meninas, mas de qualquer modo nada foi espontâneo por parte das crianças. Foi preciso que a professora elevasse o tom de voz para que eles pudessem se organizar minimamente.

- O ensaio durou aproximadamente 10 minutos e nesse tempo houve várias demonstrações de desagrado por parte das crianças com relação a atividade, que segundo a própria professora todos tinham que participar, pelo menos do ensaio.

- Houve um grupo de garotos que satirizaram e foram obrigados a repetir várias vezes sozinhos o movimento para que pudessem ser vistoriados. Todo o primeiro ensaio foi realizado sem música.

- A professora pediu aos alunos que corressem pela quadra, logo em seguida, a ordem foi para que eles corressem lateralmente e após isso terminou o aquecimento.

- A turma foi dividida em quatro colunas e para cada coluna foi dado uma bola de basquetebol. O primeiro aluno batia bola para o segundo aluno, assim sucessivamente até terminar. Essa atividade foi realizada em forma de competição. Na coluna que havia mais meninos a facilidade foi maior e eles venceram todas as vezes.

- Após essa atividade mudou-se para a atividade de bater bola lateralmente, nesse exercício houve uma certa dificuldade para a maioria dos alunos, que não conseguiam acertar o melhor lado para bater a bola e progredir, aqui não houve competição. A atividade relacionada ao basquete foi assim: Um aluno com a bola tinha que progredir até a cesta do outro lado, um segundo aluno tentava durante a progressão do primeiro roubar-lhe a bola. O primeiro aluno precisava quando chegasse a cesta, arremessar ou fazer bandeja na tentativa de encestar.

- Durante a observação foi possível verificar que nas primeiras atividades já havia uma pequena desistência dos alunos com um pouco mais

de dificuldade. Quando passou-se a disputa de bola e arremesso ou bandeja à cesta, a participação ficou restrita aos que detinham a bola, pois estes demoravam para chegar e conseguir fazer com que a bola caísse pela cesta. Sempre tendo uma tendência de melhor aproveitamento para os mais habilidosos e maiores.

- Após essas atividades a professora disse para os alunos se posicionarem ao lado da quadra e selecionou seis garotos (3 para cada equipe) para a realização de um jogo. Os demais alunos ficaram esperando a sua vez para jogar. Os alunos que estavam na quadra apresentavam dificuldades técnicas em relação ao jogo, por isso houve uma certa demora para conseguirem encestar a bola.

- Observei também uma evasão dos alunos, em seguida outro grupo de seis alunos jogaram, só que nesse grupo não houve vencedor, pois ninguém conseguiu acertar a bola na cesta. Com isso a professora disse aos demais que eles jogariam numa próxima aula e ao mesmo tempo os alunos começaram a pedir para jogar queimada. A professora então guardou as bolas de basquetebol e pegou uma bola de borracha tamanho pequeno e dividiu a turma para iniciar o jogo.

- O número de participantes aumentou, e mesmo aqueles/aquelas alunos (as) que não pegaram a bola e não tentavam queimar nenhum companheiro se sentiam participantes da brincadeira. Foi possível observar também que as regras do jogo não foram obedecidas, dando margem a desentendimentos entre os alunos em algumas situações.

- Foi trazido à quadra um aparelho de som para ensaiar a quadrilha. Enquanto os alunos esperavam uma outra turma, a professora disse para jogarem queimada. Na hora da divisão, separaram os meninos e meninas para jogar. Essa foi uma divisão feita por eles mesmos, onde ficou mais evidente a maior facilidade para esse tipo de brincadeira para os meninos, embora o total de alunos "queimados" não fosse muito diferente.

- Algo observado também, foi a falta de um padrão de arremesso de modo geral. Poucos alunos apresentaram um movimento bom para arremessar, principalmente as meninas.

- Os meninos se valeram da maior força, conseguindo arremessar mais longe e mais forte, além de possuírem maior agilidade, fruto da força e da velocidade.

## SÍNTESE DAS ENTREVISTAS CENTRADAS

**Escola** - informar / formar / educar o aluno - passar o maior número de informações, centrada na educação de modo geral - disciplina, postura auxiliando os pais, exercendo o papel de creche.

**Aluno** - a razão de ser da escola, deverá ser o maior interessado pela escola, com professores bem formados e remunerados. Deverá ser o agente transformador da sociedade, crítico.

**Professor** - papel de passar as informações, orientar os alunos para a realidade que ele vive, poder educar num sentido amplo, alguns professores ainda tentam ensinar.

**Sociedade** - a união de várias pessoas, o conjunto de pessoas numa mesma cidade/país, divida em classes sociais, onde todos lutam entre si.

**Educação Física** - papel de atividade não formal / formal. Na visão formal ela está fora do contexto educacional. Não formal a pessoa paga. Na escola que seria a base da iniciação esportiva ela é relegada a segundo plano. Comparação com volei - futebol - basquete com grandes destaques. Deveria ser incentivada nas escolas à nível de esportes. A Educação Física é voltada para a classe média e média alta com oportunidade de ser atleta.

**Escola e Educação Física** - Voltada para a recreação e iniciação esportiva, papel básico.

Diretrizes educacionais: PT construtivismo / MALUF indefinido

Curso de Datilografia competindo com a Educação Física

**Lúdico** - A brincadeira, na realidade é a brincadeira de rua dentro da escola.